

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

PEDRO VITOR FERREIRA DE SOUZA

A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS TRANS NO *INSTAGRAM*:
o caso de Linn da Quebrada

Uberlândia

2023

PEDRO VITOR FERREIRA DE SOUZA

A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS TRANS NO *INSTAGRAM*:

o caso de Linn da Quebrada

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Diva Souza Silva

Co-orientação: Profa. Dra. Aline Camargo

Uberlândia

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S729

Souza, Pedro Vítor Ferreira de, 1999

2023 A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS TRANS NO INSTAGRAM:
[recurso eletrônico] : o caso de Linn da Quebrada / Pedro Vítor Ferreira de Souza.
- 2023.

Orientadora: Diva Souza Silva. Co-orientadora: Aline Camargo.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia,
Graduação em Jornalismo.

Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.

1. Jornalismo. I. Silva, Diva Souza, 1973-, (Orient.).
II. Camargo, Aline, 1990-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia.
Graduação em Jornalismo. IV. Título.

CDU: 70

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

PEDRO VITOR FERREIRA DE SOUZA

A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS TRANS NO *INSTAGRAM*:
o caso de Linn da Quebrada

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Diva Souza Silva

Co-orientação: Profa. Dra. Aline Camargo

Uberlândia, 20 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Camargo - SEBRAE

Co-orientadora

Profa. Dra. Christiane Pitanga Serafim da Silva - UFU

Examinadora

Prof. Dr. João Damasio da Silva Neto - UFU

Examinador

Dedico este trabalho a todos os professores, pessoas e familiares que me influenciaram na minha trajetória. Em especial aos meus avós Tavares, seu incentivo foi a mola propulsora que me permitiu realizar sonhos como esse, mesmo durante os momentos mais difíceis.

Esta monografia, sobretudo, é dedicada para os meus vários “eus” construídos por todos os envolvidos que colaboraram para minha formação como ser humano.

Dedico este trabalho também à minha co-orientadora Aline Camargo pela incrível postura que manteve ao meu lado diante das adversidades que a pandemia da Covid-19 nos trouxe.

Muito obrigado pela compreensão.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com diversos acasos e descasos que fizeram desses anos os melhores da minha vida.

Agradeço imensamente a todos os familiares, professores, melhores amigos e a força maior do universo que ainda não sei o nome por sempre estarem ao meu lado durante o meu percurso acadêmico.

Agradeço à minha ex orientadora e co-orientadora Aline Camargo por orientar o meu trabalho de pesquisa que apesar da intensa rotina das minhas idas e vindas do interior paulista para Uberlândia sempre estive comigo presencialmente ou de modo remoto. A sua inestimável compreensão fez toda a diferença.

Gratidão por todos os acontecimentos da vida. Os que não deram certo me serviram de aprendizado e me trouxeram até aqui. Esta monografia é a prova de que todos os esforços durante esses singelos anos da minha vida, de fato, agora fazem sentido.

“Por muito tempo foi dito que eu nasci no corpo errado. Agora chegou o momento de eu dar um novo sentido ao meu corpo”.
(LINN DA QUEBRADA, 2018).

RESUMO

SOUZA, Pedro Vitor Ferreira de Souza. **A representação de mulheres negras trans no Instagram: O caso de Linn da Quebrada**. 55p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

O presente trabalho analisa o perfil de Linn da Quebrada no Instagram e as narrativas criadas pela artista a respeito da temática da transexualidade e da negritude nas publicações entre novembro de 2021 e abril de 2022, período em que participou do reality show Big Brother Brasil. A partir de uma análise descritiva foram selecionadas e analisadas sete publicações acerca dos temas. A pesquisa buscou verificar como a representação e a identidade são construídas sob o aspecto racial e da transexualidade no perfil de Linn da Quebrada; descrever de que maneira a temática racial esteve presente nas publicações da artista; apresentar os principais temas relacionadas à transexualidade (aceitação da família, direitos sociais, sexualidade) e contribuir com a revisão bibliográfica sobre a temática da identidade e representação da comunidade trans. As análises possibilitaram perceber que a partir da representação de Linn no Instagram e as narrativas por ela criadas, temas relacionados à negritude e à transexualidade tiveram maior abrangência e, potencialmente, fomentaram discussões pelo Brasil. Esta investigação trouxe à tona a temática necessária de visibilidade na pesquisa acadêmica, sendo uma possível contribuição para a área.

Palavras-chave: identidade; Instagram; Linn da Quebrada; narrativas; representação; transexualidade.

ABSTRACT

SOUZA, Pedro Vitor Ferreira de Souza. **A representação de mulheres negras trans no Instagram: O caso de Linn da Quebrada.** 52p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

The present work analyzes Linn da Quebrada's profile on Instagram and the narratives created by the artist regarding the theme of transsexuality and blackness in publications between November 2021 and April 2022, during which she participated in the reality show Big Brother Brasil. Seven publications on the themes were selected and analyzed. The research verified how representation and identity are constructed under the racial and transsexuality aspect in Linn da Quebrada's profile; described how the racial theme was present in the artist's publications; presented the main themes related to transsexuality (family acceptance, social rights, sexuality) and sought to contribute to the literature review on the theme of identity and representation of the trans community. Based on Lina's representation on Instagram and the narratives she created, themes related to blackness and transsexuality had greater coverage and, potentially, fostered discussions throughout Brazil. This investigation does not have the daring purpose of closing the theme, on the contrary, it is expected that the trans community will be the object of other investigations and, above all, authors of research in the area.

Keywords: identity; Instagram; Linn da Quebrada; blackness; narratives; representation; transsexuality.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Linn em sua entrada no BBB em 2022.....	35
Imagem 2 - Anastácia presente.....	36
Imagem 3 - Direito de ser quem é.....	37
Imagem 4 – Novo documento.....	38
Imagem 5 - Pai de Linn a reconhecendo como mulher trans.....	39
Imagem 6 - O Brasil vive a história de uma Travesti.....	40
Imagem 7 - Linn e o significado do pronome ELA.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO.....	14
3 INTERNET E REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	20
4 NARRATIVAS.....	26
5 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	33
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

A representação de mulheres negras trans no Instagram tem se tornado cada vez mais importante para a diversidade e inclusão nas redes sociais. Um caso emblemático é o de Linn da Quebrada, uma artista brasileira que utiliza a plataforma para expressar sua identidade e lutar contra as opressões enfrentadas por pessoas trans e negras.

Linn é conhecida por sua música, performances e ativismo, e utiliza o Instagram como uma ferramenta para disseminar sua mensagem e inspirar outras mulheres negras trans a ocuparem espaços de destaque na sociedade. Por meio de suas postagens, ela traz os estereótipos, compartilha experiências pessoais e levanta questões importantes sobre gênero, raça e sexualidade.

Esta monografia tem como objetivo verificar de que maneira se dá a representação de Linn da Quebrada na rede social Instagram no momento em que ocorreu o Big Brother Brasil 22, a partir da análise das narrativas postadas no perfil. Com isso, a questão norteadora é: De que maneira se dá a representação de Linn da Quebrada no Instagram?

A pesquisa verifica como a representação e a identidade são construídas sob o aspecto racial e da transexualidade no perfil de Linn da Quebrada; descreve de que maneira a temática racial está presente nas publicações da artista; apresenta os principais temas relacionados à transexualidade (aceitação da família, direitos sociais, sexualidade) e contribui com a discussão sobre a temática da identidade e representação da comunidade trans.

Uma das principais funções do Instagram se baseia nas publicações e na troca de curtidas e comentários, estabelecidas a partir da relação entre o usuário e seus seguidores. Contudo, ao expor determinados fatos da vida, deve-se lembrar que muitos usuários se sentem mais encorajados a realizar determinadas ações como, por exemplo, criar uma vida diferente daquilo que realmente é.

A representação dada a partir da criação de um personagem na rede pode influenciar diretamente na relação entre o indivíduo e o que é publicado. Isso porque sentir-se bem a partir da obtenção de seguidores e/ou curtidas leva determinados usuários a uma busca inalcançável para um tipo específico de estética e, como consequência, há uma vasta comparação entre os usuários.

A partir das minhas vivências na mídia social Instagram, surgiu o primeiro contato com o tema. Diante das repercussões de publicações da Linn da Quebrada no período em que

aconteceu o Big Brother Brasil e a forma como tais usuários se manifestam na plataforma, surgiu o questionamento de como se dá a representação. Além disso, vivenciei uma amiga travesti em seu momento de transição no que estimulou ainda mais a contribuir com minha pesquisa.

De acordo com a pesquisa levantada pela companhia Statista¹, a mídia social Instagram alcançou, em 2021, mais de 1,22 bilhões de usuários ativos, com um total de 500 milhões de acessos na plataforma diariamente. O Brasil, por sua vez, ocupa o 3º lugar com usuários ativos no Instagram, cerca de 99 milhões de brasileiros diariamente.

Socialmente, Linn da Quebrada tem voz importante para o movimento LGBTQIAP+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual) e nas mídias sociais se faz presente com publicações de trechos de seus trabalhos, conquistas pessoais e seu posicionamento político. A artista publicou em seu Instagram uma conquista para mulheres trans: incluiu seu nome social em seus documentos.

Considerando analisar as postagens feitas por Linn da Quebrada e por sua assessoria durante o período de novembro de 2021 a abril de 2022 é importante ressaltar que Linna, assim como também é conhecida, esteve confinada no Big Brother Brasil no ano de 2022. Segundo o Poder 360², a edição 22 teve a maior audiência brasileira dentre os últimos quatro anos. Como Linn participou desta edição, sendo um período de sua maior exposição em rede nacional, todos os temas por ela levantados no programa eram assuntos de discussões para além das telas. Um exemplo foi a pauta sobre transexualidade, sendo discutida em rodas de conversa e alcançou publicações no Instagram.

Paralelamente a isso, conforme o relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU)³, o Brasil é considerado o 13º país que mais mata pessoas trans e travestis. A cada 100 pessoas trans assassinadas no país, 96 são mulheres trans e travestis. Em algumas de suas publicações e em sua trajetória no BBB, Linn da Quebrada busca trazer essas informações entrelaçadas a sua visibilidade e existência.

Assim, este tema foi escolhido para pesquisa uma vez que, após sondagem investigativa, percebe-se que não há muitos estudos direcionados a esta especialidade. Desta

¹ Disponível em: <https://abcreporter.com.br/2021/04/15/brasil-e-o-3o-pais-com-mais-usuarios-ativos-no-instagram-em-2021/> Acesso em: 08 fev. 2023.

² Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/bbb-estreia-com-maior-audiencia-em-4-anos/> Acesso em: 08 fev. 2023.

³ Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/> Acesso em: 08 fev. 2023.

forma, faz se necessário investigar minuciosamente as publicações do perfil de Linn da Quebrada no Instagram que percorrem as temáticas de transexualidade e questão racial. Linn é uma mulher negra, trans e com visibilidade nacional é o perfil escolhido na presente pesquisa, para analisar tal representação. É válido considerar que narrar acontecimentos da vida é natural do ser humano, entretanto, a criação de um padrão e a seleção do que será espetacularizado nas redes é algo dos próprios usuários.

Isto pode ser aplicado a todos os recursos existentes no Instagram que são lançados e publicados por famosos quanto anônimos, ocasionando na criação de conteúdos distribuídos na rede com distintos tipos de construções de narrativas presentes na interface de celulares, smartphones, tablets e outros.

Por fim, as considerações finais trazem um levantamento para identificar questões pessoais que Linn da Quebrada vivencia sendo uma mulher transexual, como isso interfere na auto aceitação e como a negritude e transexualidade estão presentes em sua vida entrelaçada a proposta de ressignificação de narrativas de corpos pretos e transexuais.

2 IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Neste capítulo pretende-se tratar os conceitos de Identidade e Representação a partir de Stuart Hall (1987) e Bell Hooks (2019) enquanto conceitos basilares para o estudo em questão.

Hall (1987) compreende que no período moderno e na modernidade tardia há uma efetiva descentralização do sujeito e da sua identidade. Diante disso, o autor traz um cenário crítico em torno do que se tem noção do que seria a identidade, como é construída e representada. Isso quer dizer que as identidades individuais não são mais determinadas apenas por fatores como classe social, gênero ou etnia. Em vez disso, elas são flexíveis, complexas e influenciadas por diversos elementos, como cultura, história, política e poder.

De acordo com Stuart Hall (1987), o conceito de identidade pode ser entendido como uma formação pessoal que recebe influências externas. Neste sentido, o autor diz que o “sujeito sociológico” tem como formação da identidade as interações entre o indivíduo e a sociedade. O autor ainda menciona que o indivíduo recebe princípios do núcleo familiar na sua formação, entretanto, pode passar por mudanças através do contato com outras identidades na sociedade.

Ainda sobre o tema em questão, Stuart Hall (1987) percebe que, na modernidade, a individualidade é vista e lida de maneira diferente do pré-moderno. O sujeito é considerado uma estrutura estável, é visto como criatura divina, passa por alterações de seu status a partir do Iluminismo e do período Renascentistas e passa a ser um soberano e que pode ter sido, de acordo com Hall, o motor gerador do sistema social da modernidade. Para o autor, o indivíduo soberano nasceu entre o iluminismo, o renascimento e o humanismo, o que foi um acontecimento e ruptura com o mundo antigo.

Hall (1987) salienta que o "sujeito pós-moderno" é definido como aquele indivíduo que habita na era em que as identidades são formadas e se transformam gradualmente com influência do contato com diferentes sistemas culturais. Para ele, o sujeito pós-moderno se constrói socialmente, enquanto a questão biológica não o define. Com isso, Stuart Hall (1987, p. 10) indica a ideia de "celebração móvel" quando o indivíduo se transforma à medida que se relaciona e como é representado pelos sistemas culturais que nos rodeiam.

Em vista disso, pessoas trans e/ou travestis, como o caso de Linn da Quebrada, se enquadram numa perspectiva de transformações na contemporaneidade. Para isso, este “sujeito pós-moderno” vem com diversas identidades e ainda é identificado de diversas maneiras sem possuir uma definição concreta.

Segundo Hall (1987) o sujeito pode ter inúmeras identidades em diferentes momentos e contextos. Dentro do indivíduo existem vários momentos da busca pela identidade que, na sociedade atual, pode repercutir como um deslocamento de identidade.

Ainda Stuart Hall (1987) relata que a identidade é construída com o tempo, desde o processo de consciência do nascimento até o crescimento e possui diferentes inserções culturais. Para o autor, a sociedade de sujeitos pós-modernos vive em uma constante busca de conhecimento próprio, identidade e identificação.

Consoante a isso, Bell Hooks (2019) propõe a afirmação de corpos e identidades negras com a ideia de constituição de amar a negritude, sobretudo fortalecendo os laços e rompimento daquilo que se conhece diante da branquitude. Outro ponto abordado por Hooks (2019) é a insubordinação quando se percebe que a cultura da supremacia branca tem um forte poder hegemônico na produção de imagens e imaginários.

Hooks (2019) incentiva a utilizar o senso crítico para consciência sobre os processos de subjetivação que foram criados pelo imaginário do social colonizador. Afirma que:

[...] apenas mudando coletivamente o modo como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhares. (HOOKS, 2019, p. 34).

Stuart Hall (1987) explica que, com as transformações da sociedade e a integralização de culturas, os indivíduos passam a reproduzir costumes na sua rotina e quando começa a consumir a cultura de vários povos em uma nação, a individualidade de um sujeito é fragmentada. Para o autor, a importância da identificação só acontece pela existência da identidade sendo focada em uma abordagem em que as identidades não são únicas.

A partir das transformações como Hall (1987) menciona, Bell Hooks (2019) mostra um possível caminho para uma ressignificação da imagem, e ainda ressalta a importância dos discursos transformadores de pessoas negras para acabar com o racismo que existe. A autora observa que a luta antirracista é capaz de identificar as estruturas da sociedade e possibilitar uma consciência coletiva.

Hall (1987) considera que a identidade e a representação de determinados grupos étnicos têm sido cada vez mais discutidas em maior proporção. Ele reconhece que os espaços que dizem ter sido conquistados se tornam poucos, dispersos e regulados por pessoas predominantemente brancas. Hall comenta a ideia da hegemonia cultural diante dessa luta em

torno da diferença existente, enquanto há uma dominação ideológica de uma classe social sobre outra e, assim, passa a configurar o poder cultural.

Ademais, importa salientar que, a cultura popular negra, segundo Stuart Hall (1987), não pode ser propagada por termos básicos:

(...) não importa o quão deformadas, cooptadas e inautênticas sejam as formas como os negros e as tradições e comunidades negras pareçam ou sejam representadas na cultura popular, nós continuamos a ver nossas figuras e repertórios, aos quais a cultura popular recorre, as experiências que estão por trás delas (HALL, 1987, p. 342).

Deve-se sempre recorrer à cultura popular, de acordo com Hall (1987), para verificação das experiências sociais que estão entrelaçadas às histórias individuais. O autor comenta que:

(...) devemos ter em mente a profunda e ambivalente fascinação do pós-modernismo pelas diferenças sexuais, raciais, culturais e, sobretudo, étnicas. Em total oposição à cegueira e hostilidade que a alta cultura europeia demonstrava(...). Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao mainstream, nunca foi um espaço tão produtivo como agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural (HALL, 1987, p. 337 -338).

Nesse sentido, Linn da Quebrada fez com que no Instagram suas publicações trouxessem essas reflexões perante as diferenças sexuais e raciais. A partir disso, Hall (1987) menciona o modo em que a cultura popular passa pela questão da valorização da cultura negra, que por sua vez, ainda funcionam como garantias na determinação de qual cultura popular negra se classifica e representa a população negra de fato.

Hall (1987), no livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, apresenta as questões de identidade cultural e o conceito de sujeito no período da modernidade até a pós-modernidade. Hall, ao perceber tais distinções de identidade, aponta que há uma relação entre a mudança da modernidade tardia vinculada ao viés da identidade do sujeito.

Assim como Linn, Hall (1987) menciona o conceito de sujeito humano, que considera que não há apenas uma forma de identidade que seja suficiente para caracterizar um sujeito, ele considera que cada indivíduo tem várias formas de se compreender como indivíduo da sociedade.

O autor (1987) ressalta que à medida que as sociedades modernas se tornam mais complexas, coletivas e sociais, devido às mudanças nas dimensões econômicas e políticas, o

ser humano também passa por mudanças de identidade e começa a ser visto mais como a estrutura social definida a partir desses desenvolvimentos. No caso de Linn, quando mais nova, se identificava como gay, após um tempo e quando teve contato com travestis e transexuais se entendeu como também como tal.

À vista disso, Hall (1987) amplia ainda mais essa compreensão quando observa que as identidades culturais são híbridas, ou seja, estão sempre em mudanças, encontros e experiências. Dessa forma, o entendimento sobre identidade para Hall mostra que não há apenas uma identidade, para ele existe uma série de combinações de identificação na formação do indivíduo da sociedade passível de mudança.

Com isso, Hall (1987) afirma que a sociedade atual vive em um ambiente híbrido, ou seja, uma fusão entre diferentes tradições culturais e que, com as mudanças de pensamentos é produzido e adequado à nova forma cultural da modernidade tardia.

Stuart Hall (1987) compartilha uma descrição das mudanças na modernidade tardia, perante os aspectos da globalização e o seu impacto na identidade cultural, sendo que a sociedade moderna é definida como uma sociedade em constante mudança. O autor salienta a importância das questões identitárias, afirmando que um indivíduo com múltiplas identidades terá afinidade por um determinado nicho social com o qual se identifica.

Stuart Hall (1987) diz que a aceleração dos processos globais tem um impacto direto nas pessoas e lugares que antes pareciam tão distantes. Ainda assim, Hall argumenta que a pós-modernidade global enfraqueceu a identidade cultural após uma evidência de um enfraquecimento da identidade cultural nacional e um fortalecimento dos laços e lealdades culturais. Essa tensão entre o global e o local que o autor aborda diz respeito à transição identitária em que as pessoas estão nesse contexto, onde a influência global pode tanto enfraquecer quanto fortalecer as identidades culturais locais.

Stuart Hall (1987) também aborda as diferentes sociedades tardias onde existem diferentes posições, visões e identidades. Para ele, existe uma certa articulação dessas sociedades e que, ao mesmo tempo, não se desintegram totalmente e sua estrutura permanece aberta.

Hall (1987) argumenta também sobre a suposta crise de identidade, como também alerta sobre a urgência de repensar o que foram as sociedades anteriores que de alguma forma passaram por transformações e que interferem diretamente nas formas de compreender os sujeitos e a cultura.

Em relação a isso, Bell Hooks (2019) enfatiza a importância de reconhecer que a identidade não é fixa e por isso pode trazer uma crise. Para a autora, a identidade é construída

por meio de interações sociais, políticas e culturais. A partir disso, é possível entender que as identidades são moldadas por sistemas de opressão de sociedades anteriores assim como cita Hall (1987) e como consequência surge a propagação do racismo, o sexismo e a transfobia.

Stuart Hall (1987) propõe uma maneira de entender a identidade como algo móvel e pode ter diferentes posições ao longo da vida, indicando a possibilidade de utilizar o termo “identificação” ou a expressão “processo identitário”. Assim, o autor propõe uma abordagem que considera a identidade como algo em constante movimento e ao relacionar essas ideias com a transexualidade de Linn da Quebrada, percebe-se que a identidade é uma construção gradativa em que a transexualidade se torna em uma jornada de autodescoberta.

Hall (1987) compreende as identidades culturais como algo que não seja fixa ou imóvel, e que não há possibilidade de apenas uma definição e explicação do que seria a identidade. Dessa forma, Hall traz a ideia de que os indivíduos são formados por representações e dá ênfase para que isso seja entendido pelo viés de que as mudanças na sociedade acontecem a todo momento.

Hall (1987) menciona que as narrativas da identidade são contadas através de imagens, sons, histórias e símbolos. Para o autor, as narrativas se completam e dão de fato significado para as representações cotidianas. Em um segundo momento, o autor dá continuidade em seu pensamento na tradição e na temporalidade, ou seja, os elementos que pertencem a nação permanecem intactas mesmo sob um constante trâmite da história. O terceiro, por sua vez, é a invenção daquilo que foi nomeado como tradição levando em consideração aquilo que está no passado e que por vezes são recentes ou até mesmo inventadas. Dessa forma, as práticas consideradas inventadas se formam enquanto há uma série de valores e práticas que surgiram da própria cultura.

A partir das narrativas trazidas de Hall (1987) percebe-se que há uma certa desconstrução. Outrossim, é importante destacar que Hooks (2019) faz uma introdução para a desconstrução ligada aos mecanismos do discurso racista que permeia a luta feminista, sobretudo, a misoginia dentro do movimento negro.

Hooks (2019), observa principalmente a proporção que existe através do regime de representação e narrativa do cinema hollywoodiano e na televisão. Por sua vez, a autora salienta que as tramas desenvolvidas excluam e estereotipam a realidade, como por exemplo, a biologia e as histórias de mulheres negras.

Tais produções foram responsáveis por criar uma outra imagem distorcida para as espectadoras negras. A pesquisadora e ativista Bell Hooks (2019) diz que:

Apenas mudando coletivamente o como olhamos para nós mesmos e para o mundo é que podemos mudar como somos vistos. Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos. (HOOKS, 2019, p. 34).

Assim, os estudos de Stuart Hall (1987) se aplicam à Linn da Quebrada em como as narrativas acontecem através das publicações, enquanto isso, Bell Hooks (2019) descreve a subjetividade daquilo que é representado do corpo da mulher negra seja na literatura, no cinema e nas produções audiovisuais. Neste sentido, busca-se compreender o caso de Linn como uma nova realidade de representação desses corpos e como influência no cotidiano e na cultura midiática.

3 INTERNET E REDES SOCIAIS DIGITAIS

No capítulo “Internet e redes sociais digitais” pretende-se tratar os conceitos de web e suas transformações como parte do estudo pela necessidade do entendimento a partir de Jaime Robredo (2010), Marino Latorre (2018), Luciana Mielniczuk (2003), Luís Mauro Sá Martino (2015) e Raquel Recuero (2009).

O termo Web se tornou assunto a partir do momento em que, segundo o autor Jaime Robredo (2010), a Internet passou a fazer parte de diferentes âmbitos da sociedade. O autor (2010) afirma que a web tinha como característica as páginas estáticas que possuíam textos, imagens e links e que poderiam passar por alteração através apenas do webmaster. A partir disso a web foi crescendo cada vez mais e deu sentido aos blogs e às redes comunitárias.

Ainda segundo Robredo (2010) o comércio na Internet levou ao desenvolvimento de serviços de rede privada com TCP (Protocolo de Controle de Transmissão) e IP (Protocolo de Internet), o que causou o surgimento da educação virtual e do comércio eletrônico, a transição do Marketing tradicional para o Marketing Digital e a chegada da transformação digital.

A ideia de Web 1.0, Robredo (2010) surgiu a partir da primeira versão da Internet (chamada de ARPANET) quando nessa fase, a Internet se caracteriza especialmente pela entrega de conteúdo online, de forma estática, em sua maior parte de forma corporativa. Um de seus marcos, por exemplo, é o envio do primeiro e-mail, em 1969.

Paralelamente a isso, segundo Luciana Mielniczuk (2003), inicialmente, os produtos disponibilizados eram cópias de seções dos principais jornais impressos, que começaram a ocupar espaço na internet. É notável o interesse nas primeiras tentativas realizadas: o que era conhecido como "jornal online" na web, naquela época, se resumia à reprodução de uma ou duas matérias principais de algumas editorias, acompanhadas por reflexões.

Robredo (2010) salienta que neste período foi criado a Internet Protocol (IP) e o Hyper Text Transfer Protocol Secure (HTTP) e que dessa maneira deram início ao tráfego de dados por meios como rádio, fibra ótica e satélite; o envio de informações criptografadas e as transações comerciais via Internet. Diante disso, Robredo traz a perspectiva de Graham (2005) sobre essa transformação para a Web 2.0:

[...] ‘Web 2.0’ significa alguma coisa? Até há pouco tempo eu pensava que não, mas a realidade se tornou mais complicada. [...] Agora parece ter adquirido um significado. E ainda, aqueles que não gostam do termo estão provavelmente certos, pois se isso quer dizer o que eu penso, não temos necessidade dela. A primeira vez que ouvi falar de Web 2.0’ foi na

denominação da conferência sobre a Web 2.0 em 2004. (GRAHAM, 2005 apud ROBREGO, 2012, p. 14).

A partir disso, Marino Latorre (2018) mostrou que, com o tempo, a web ganhou novas ferramentas para torná-la ainda mais dinâmica, iniciando, assim, o que ele chama de a fase 2.0. Além disso, para ele, essa fase marcou os anos 2000 também com o alto índice de compartilhamento de informações.

Mielniczuk (2003) observa que no final da década de 1990 a infraestrutura técnica da internet no país começou a se desenvolver e foi possível visualizar uma segunda fase do jornalismo na web, na qual ocorreram experiências no campo do produto jornalístico com o intuito de aproveitar as características proporcionadas pela rede. Nessa fase, as publicações para a web buscaram se basear no modelo dos jornais impressos, mas ao mesmo tempo começaram a explorar as potencialidades do novo ambiente digital. Percebe-se que essa transição do jornalismo para o ambiente digital teve um esforço em adaptar-se às características da internet e explorar suas possibilidades para oferecer uma experiência de leitura mais dinâmica e interativa.

Dessa forma, Latorre (2018) comenta que, a web 3.0 atingiu um alto nível de disseminação e velocidade de compartilhamento, tornando-se cada vez mais semântica. É válido ressaltar que esta fase é considerada da atualidade e tem como destaque o marketing digital. Para ele, as empresas passam a ganhar inteligência competitiva e o devido alcance dos usuários da internet de forma que seja mais eficaz a partir da produção de conteúdo personalizado, principalmente em formato de vídeo. Nesse momento, os usuários das redes passaram a produzir conteúdos de vídeos, textos e fotografias, foi então que surgiu a era dos blogs, canais do YouTube e redes de compartilhamento de fotos. Isso fez com que aumentassem as interações virtuais entre as pessoas e os tornou criadores de suas próprias redes sociais.

Para Mielniczuk (2003), houve um aumento significativo no uso da internet e o surgimento de iniciativas empresariais e editoriais exclusivamente voltadas para esse meio. Esses sites jornalísticos vão além da reprodução da versão online de um jornal impresso existente. Nessa fase, os produtos jornalísticos exploram efetivamente as possibilidades oferecidas pela web possuem recursos multimídia, como sons e animações, para enriquecer a narrativa jornalística. Além disso, oferecem interatividade por meio de chats com personalidades, enquetes e fóruns de discussões. De forma geral, essa fase representa um

marco importante na adaptação do jornalismo ao ambiente digital no que demonstra a busca por novas formas de contar histórias e outras narrativas.

Latorre (2018) aborda também o que seria a Web 4.0 em que é vista como a era da inteligência artificial e reflete as necessidades do mercado consumidor moderno. Para ele, existe a busca do lucro em primeiro lugar e utiliza as estratégias de marketing digital para alcançar esse objetivo.

A partir das transformações da Web, Luís Mauro Sá Martino (2015) ressalta que essas “novas mídias” são diferenciadas pela maneira que se adaptam à tecnologia quando comparadas possuem características comuns relativas à maneira como realizam as produções com dada ramificação midiática.

Por sua vez, Raquel Recuero (2009) menciona a importância dos atores na sociedade que agem de modo a moldar as estruturas sociais por meio de interações e da formação de vínculos sociais existentes nessas novas mídias.

Martino (2015) ainda descreve o processo das mídias digitais no livro Teorias das Mídias Digitais - Linguagens, ambientes e redes quando traz um cenário para entendimento teórico e salienta que as transformações da comunicação mediada por computador e a Internet vem proporcionando novos formatos de se relacionar em sociedade.

Com isso, Recuero (2009) traz também o aspecto com foco na relação estrutural entre redes e grupos sociais em que tais redes são marcadores de identidade social, sendo observado padrões de relacionamentos entre indivíduos com características das pessoas envolvidas na própria rede.

A autora (2009) salienta que existe um papel social do indivíduo que é entendido não apenas pelos grupos (redes) a que pertence, mas também pelo seu lugar dentro das redes. Ela destaca como principal diferença a escolha do corpus para análise pelo pesquisador e ainda discute a concentração nos padrões de relacionamento entre as pessoas.

Para Martino (2019), as redes sociais tornaram-se um fenômeno da internet e criaram uma dinâmica que envolve conexões, interações e relacionamentos entre os indivíduos:

A origem das novas mídias é a intersecção entre os antigos meios de comunicação, da escrita à televisão, passando, evidentemente, pela imprensa, a fotografia, o rádio e o cinema, e sofisticadas máquinas de calcular capazes de lidar com milhares de variáveis e operações ao mesmo tempo, o computador. Essa junção é a raiz das novas mídias. (MARTINO, 2019, p. 212).

Com o desenvolvimento do processo de mediação, o Martino (2019) ressalta que se tornou complexo o entendimento entre a transparência em relação à mensagem diante das transformações dos meios técnicos.

De igual modo, Martino (2019) comenta sobre a hipermediação existente nas mídias digitais como um todo que deram mais possibilidades de criações por computador ou pela realidade virtual. Desse modo, o autor ressalta que a partir da captação da imagem e do som é possível mostrar e representar certa realidade. Assim, Martino (2019) faz uma análise sobre a interface existente a partir das junções de elementos para as mídias digitais:

Em uma primeira definição, interfaces são os elementos de ligação entre as máquinas e os seres humanos que as operam. Permitem a interação praticamente imediata entre ambos, de maneira que os seres humanos façam o que precisam e as máquinas o que devem fazer. (MARTINO, 2019, p. 226).

A partir disso, a ideia de formação e identidade é discutida no quarto capítulo de Martino (2019) “Ambientes: a vida conectada” sobre o impacto e poder que as mídias digitais exercem sobre a sociedade e o indivíduo. Para o autor, essa relação entre cultura e mídias digitais está relacionada com as ideias de narrativas conectadas com produções digitais e, como resultado, o surgimento de audiência ativa. No caso de Linn, além de tratar pautas sociais e raciais é perceptível uma relação com o que Martino chama de “audiência” em que se torna produtiva a criação dos conteúdos pela a admiração que se cria.

Recuero (2009) salienta o que é a comunicação social a partir dessa interação social online que percebe uma relação entre a informação, o significado da informação e como acontece o diálogo e isso é o que ela chama de comunicação social. A autora comenta que é possível observar certos laços que são criados através da internet. Para ela, as redes de computadores são um método de manutenção de laços, o primeiro contato pode acontecer na Internet, mas logo transpassa para o contato físico.

Ainda sobre o tema em questão, Recuero (2009) pontua que se cria comunidades a partir da admiração e assim, passam a partilhar, de alguma forma, das mesmas ideias e perspectivas e gradativamente, trocam informações e propagam a comunicação entre elas.

A partir dos mecanismos entre as comunidades, Recuero (2009) aborda o termo “cluster” como um sistema capaz de determinar que outros computadores funcionem juntos ou até mesmo que o próprio grupo crie uma combinação entre eles. Dessa maneira, a autora comenta que as redes funcionam em clusters e são criadas as subcomunidades, sendo as conexões mais fortes da Internet que se conectam com pessoas de qualquer localidade.

Diante do modo de entender as transformações propostas por Recuero (2009) é possível notar que tal fenômeno da Internet está mudando as formas de organização, diálogo e mobilização social e, por meio de blogs, Orkut, Twitter, Facebook, Instagram e outras mídias

encontradas na internet, vem unindo interesses em comum e relações entre pessoas que se constroem com o auxílio de dispositivos móveis no qual cria uma rede social interativa.

Recuero (2009) também traz uma análise das chamadas tríades que busca compreender as interações que ocorrem nas mídias sociais a partir dos três elementos principais: ator, ação e objeto. Dessa maneira é possível identificar que os indivíduos possam ter redes de contato diferentes, e que, a partir disso, as redes que não se conhecem podem ter a possibilidade de se conhecerem.

Diante desse contexto, Recuero (2009) entende que a interação é um ponto fundamental para a estabilidade das relações sociais entre os indivíduos que fazem as redes sociais acontecerem seja de modo presencial, como também, o virtual. Isso porque, segundo ela, em uma rede social, as pessoas são o alicerce para a construção dos laços sociais gerados a partir da interação social. Recuero pontua que, ao longo do tempo, as mídias digitais se transformaram de maneira variada e modificaram os relacionamentos humanos.

Em vista disso, as transformações que permeiam a Web mostram como a força dos usuários das redes vêm interferindo no comportamento de consumo nos movimentos digitais e têm mudado a visão do mundo como um todo. As demandas dos usuários fazem com que as empresas se adaptem gradativamente, transformando o mercado e a vida social.

4 NARRATIVAS

Neste capítulo, pretende-se explorar o papel das narrativas na sociedade contemporânea e como elas são usadas para construir significados e identidades, sobretudo, como as narrativas são construídas e como elas transformam a percepção da realidade. Para tal compreensão do estudo teve como base Sibilía (2016), Amaral *et al.* (2012), Djamila Ribeiro (2017) e Kietzmann *et al.* (2011).

De acordo com Sibilía (2016), as narrativas dos usuários são criadas a partir daquilo que se pensa como vida real, ela considera a questão da vida real diante de características em comum para o “gozo performático”:

Não se trata tão só de atingir esse estado de ânimo tão desejado; é necessário, também e talvez sobretudo, que essa felicidade seja visível e que os outros possam verificá-la com o poder legitimador de seus olhares. Parece estar crescendo, na peculiar atmosfera cultural da sociedade contemporânea, essa sorte de exigência na produção de um gozo performático e inesgotável como um horizonte de realização universal. (SIBILIA, 2015, p. 354).

A partir dessa menção ao “gozo performático”, a autora (2016) ressalta que existe uma teatralização coreográfica não somente se concretizando na subjetividade, como também no plano real. Para ela, a vida que é nomeada como “real” tem papel coadjuvante, apenas como convidada daquilo que passa na *timeline*.

Segundo Amaral *et al.* (2012, p. 2), há uma maior oferta de informações na comunicação digital. As autoras afirmam que existe uma certa disseminação de várias narrativas sobre os acontecimentos do mundo que surgem por distintas fontes e apresentam informações que são desconhecidas cientificamente.

Em vista disso, Amaral *et al.* (2012) ressaltam que tal disseminação pode ser feita por todos os recursos existentes no Instagram que são lançados e publicados por famosos e anônimos. Segundo o relatório feito pela Hootsuite e We Are Social⁴ em 2021 cerca de 95 milhões de fotos e vídeos são compartilhados diariamente no Instagram. Percebe-se que a mídia social Instagram recebe uma vasta quantidade de conteúdos diariamente e diferentes construções de narrativas são encontradas.

Amaral *et al.* (2012), aquilo que vem sendo publicado principalmente no Instagram possui menor profundidade, servindo apenas de entretenimento. Dessa forma, a partir das

⁴ Disponível em:

<https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo> Acesso em: 01 de maio 2023.

construções de narrativas do dia a dia, há uma oferta de publicações direcionadas apenas a aquele grupo que consome determinado conteúdo, o que deixa cada vez mais nichado e personalizado.

No âmbito da imagem, Sibilia (2016) traz a ideia do imperativo da visibilidade quando aquilo que não é visto automaticamente não existe. Segundo ela, quando relacionado às publicações do Instagram parte do pressuposto de que as melhores imagens serão selecionadas, ou seja, há uma seletividade de escolha daquilo que será mais aceito pelos seus seguidores justamente pelos padrões impostos e a dupla realidade existente na rede.

Dessa forma, a pesquisadora Paula Sibilia teoriza o que chama de espetáculo da intimidade e da vida privada que vem cada vez mais alimentado pela tecnologia digital e pelas redes sociais. Sibilia (2016) traz a ideia de "Eus" infinitos sendo eles: o narrador eu, que dá vida em forma de relatos; o eu privado, que leva ao declínio das figuras públicas; o eu visível; o interior eclipsado; o eu atual e a subjetividade momentânea; o eu autoral e o culto à personalidade; o eu real e o choque ficcional; o eu do personagem e o pânico da solidão e, finalmente, o eu espetacular e a autogestão como marca. Linn da Quebrada é um exemplo do "eu privado" dentro do contexto da teoria de Sibilia, em que a vida privada é mediada pelas redes sociais e pela tecnologia digital como um todo. Enquanto artista pública, Linn compartilha abertamente sua jornada pessoal e experiências íntimas.

A partir disso, a autora ressalta: “É um verdadeiro festival de ‘vidas privadas’ que se oferecem despudoradamente aos olhares do mundo inteiro; basta apenas um clique do mouse. E, de fato, todos nós costumamos dar esse clique” (SIBILIA, 2016, quarta capa).

Sibilia (2016) ainda observa que, além de ser um requisito básico para o desenvolvimento do "self", o ambiente privado é também o lugar onde a intimidade se transforma. Sibilia exemplifica que, durante o auge da cultura burguesa, surgiram os autorrelatos que, além de pertencerem ao gênero autobiográfico, cartas e diários tradicionais, as obras pertencem e são consideradas como obras íntimas.

Sibilia (2016) ressalta que a área dos ‘eus’ passa por mudanças a cada nova geração. Para ela, tem acontecido um movimento maior do senso crítico sobre a vida cotidiana comparada a outras épocas e isso tornou que os testemunhos pessoais fossem cada vez mais importantes em determinadas áreas do conhecimento, onde o foco está em encontrar o significado dessas obras.

A autora (2016) também traz uma aproximação com o âmbito psicológico onde está cada vez mais comum observar pessoas de todas as classes sociais presentes nas redes sociais – seja por distração, solidão, diversão, etc.

Ademais, importa salientar que, para a autora (2016), o uso das redes sociais como ferramenta de lazer ou trabalho, traz uma máscara de alienação causada por uma busca excessiva pela satisfação de vários ‘eus’, no Instagram, por exemplo, é possível observar a mesma pessoa com perfis diferentes seja a conta utilizada para o trabalho ou vida pessoal.

Trazendo essa relação de narrativas da vida de pessoas pretas, Djamila Ribeiro (2017), ao apresentar a realidade de mulheres negras nas posições sociais, o lugar de fala, busca entender a fala de alguém e a compreensão de quais condições sociais que o indivíduo possui, como também, indica como isso pode restringir as suas oportunidades ao longo da vida tendo como consequência a desigualdade até mesmo nas mídias sociais, como explica:

As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. (RIBEIRO, 2017, p. 63).

Djamila Ribeiro (2017) exemplifica a complexidade de entender e teorizar a realidade de uma travesti negra. O entendimento sobre o lugar de fala de compreensão, respeito e como determinada posição é privilegiada faz com que as desigualdades, as hierarquias, o racismo, a pobreza e o sexismo sejam menores. A autora propõe uma reflexão sobre como a compreensão do lugar de fala interfere nas posições sociais de oportunidades.

Paralelo a isso, Sibilia (2016) relata que, ser e estar no mundo está mais conectado com os ritmos, prazeres e necessidades atuais, diante da performance que os indivíduos se relacionam consigo mesmo, com os outros e com o mundo se dá uma oportunidade de novas e possíveis narrativas e ampara a desigualdade.

Com isso, Sibilia (2016) também aborda sobre a busca constante por certo padrão de vida, um ideal “perfeito” ou uma realidade concreta. A partir disso, a autora menciona que tais pensamentos podem gerar ansiedade na busca pela constante interação e produção de novos conteúdos: “Então, em todos os lugares, usuários, leitores e espectadores são convidados a participar, compartilhar, expressar suas opiniões e se apresentar de forma considerada ‘proativa’” (SIBILIA, 2016, p. 24).

Para ela (2016), tais circunstâncias contribuem para desencadear uma potência ainda maior na instrumentalização dessas forças capitalizadas a serviço de um consumidor que provoca o consumismo. Segundo Sibilia, há uma “fantasia” criada sobre o que é a vida, em grande parte desconectada da realidade por meio de uma versão perfeita de si mesmo

encenada nas mídias sociais. Assim, há um paralelo cada vez mais próximo entre a realidade e a ficção, à medida que a tela conectada passa a contemplar os desejos dos usuários para um cenário onde permanecem conectados.

Em vista disso, segundo a autora (2016) o usuário se permite vivenciar uma vida paralela já que se depara com uma realidade totalmente diferente. Este fato relaciona-se diretamente com a autorrepresentação que determinada pessoa expõe somente aquilo que possa ser aceito pelos seus seguidores.

Como qualquer outra mídia social, o Instagram possui mecanismos de relacionamentos e trocas entre seus usuários. À medida em que a rede vai crescendo ao longo dos tempos, novas atualizações surgem e, com isso, as interações e as narrativas passam por modificações.

Em relação a isso, Kietzmann *et al.* (2011) buscam entender quais características em comum é possível verificar nas mídias sociais e, a partir disso, os autores idealizaram um modelo de 7 blocos funcionais dos quais é possível identificar as características e a forma que acontece a experiência dos usuários nas mídias sociais.

Assim, os blocos funcionais de identidade, segundo Kietzmann *et al.* (2011) relacionam-se à forma que as pessoas se apresentam na mídia, por meio de intermediários, como celulares e computadores. Assim, por sua vez, o Instagram permite a criação de identidades pessoais ou organizacionais e possibilita a inserção de imagens para compor os perfis entre outras informações de contato, seja slogans, números de telefone e sites.

Os autores (2011) falam sobre o que chamam de “Conversação” no que se refere aos blocos funcionais que representam o grau em que os usuários se comunicam com outros por meio de plataformas da mídia social. No Instagram, a ferramenta “comentário”, que fica logo abaixo das imagens e vídeos, e também as mensagens diretas, permite que os usuários da web tenham a possibilidade de iniciar uma conversa.

Em virtude do exposto, os autores (2011) propõem que em alguns contextos sociais, o fluxo do diálogo difere de outros, neste bloco funcional é analisado a partir da sincronização da mensagem, da velocidade do fluxo, da continuidade da mensagem e do relacionamento entre os usuários durante a sessão. No Instagram, as mensagens não são sincronizadas tornando algumas conversas menos expressivas.

Kietzmann *et al.* (2011) também abordam a função de compartilhamento, que para eles, representa a extensão em que os usuários trocam, distribuem e recebem conteúdo, sendo uma forma de conectar pessoas, tornar uma publicação mais conhecida e possibilitar que seja indicada uma publicação do interesse dos usuários. Ainda segundo os autores, no Instagram,

existe a opção de compartilhar via link para outras redes sociais, como também pela própria plataforma.

Segundo Kietzmann *et al.* (2011), o Instagram, por outro lado, tem restrições ao compartilhamento de postagens de terceiros em sua própria rede, já que não oferece tais opções, devido a questões relacionadas à cópia ilegal de conteúdo. No Instagram, há apenas compartilhamento de conteúdo do próprio usuário com outras mídias do usuário, como o Facebook, por exemplo, e também por meio de aplicativos externos que permitem o compartilhamento com o devido crédito.

Kietzmann *et al.* (2011) abordam os blocos de presença como extensões que permitem que os usuários saibam se podem acessar outros usuários em que este bloco também representa recursos geolocalizados. No Instagram, o usuário tem a possibilidade de marcar tal localização de onde tirou, gravou determinado vídeo ou até mesmo marcar a localização de onde está no momento.

Sob essa perspectiva, para os autores (2011) existe também o bloco de Relacionamento que serve como uma extensão dos usuários com sua rede de seguidores e não seguidores no qual possui uma relação direta com o bloco Identidade em que é possível reconhecer determinado perfil e indica a proximidade dele com outros perfis. Segundo eles, este bloco apresenta como os usuários da mídia social estão conectados e determina o que e como determinadas publicações serão circuladas. Os autores trazem duas propriedades da teoria das redes sociais usadas para explicar esse bloco sendo estrutural e de fluxo.

Para os autores (2011), a propriedade estrutural do relacionamento está ligada à quantidade de conexões que o usuário tem e qual é o seu posicionamento dele na rede social. Já a propriedade de fluxo se refere às formas de recursos envolvidos no relacionamento desses indivíduos e como esses recursos são utilizados, trocados entre os usuários ou transformados.

De igual modo para os autores (2011), o Relacionamento no Instagram pode ser analisado em duas ações iniciais: a partir do pedido para seguir determinado usuário e ter autorização para ver o perfil ou através da opção de seguir ou apenas entrar no perfil como uma prévia.

Kietzmann *et al.* (2011) argumentam que o Instagram oferece a possibilidade dos usuários terem perfis públicos, permitindo que qualquer usuário possa ser seguido e veja o que é postado e, em cada caso, o relacionamento de contato e intimidade entre os usuários difere.

Para os autores (2011), os perfis públicos têm um grau de relacionamento com a probabilidade de serem menos intensos, ou seja, quando muitos usuários podem seguir tal

perfil por gostar do conteúdo produzido e não especialmente pela pessoa que produz isso gera uma interação menor justamente por ter o perfil como um admirador(a) e não como um amigo de fato.

Ao analisar a mídia social, os autores (2011) percebem que os perfis privados necessitam de autorização para serem seguidos e que é preciso uma prévia decisão e pode ser observado certos graus de relacionamento entre os usuários. Além disso, essa opção de selecionar quem vai te seguir pode não ser recíproca até chegar na recusa para entrar como seguidor, deixar nas listas de solicitação ou não ser seguido de volta.

Em suma, a ‘Reputação’ para os autores (2011) é o bloco responsável em que os usuários podem identificar certas posições pessoais dos usuários e de si próprio. Para o contexto das mídias sociais, segundo eles, o termo “reputação” pode ter distintos significados, neste momento, a palavra está ligada à confiança, porém segundo os autores, a tecnologia da informação ainda não é considerada eficiente para determinar um critério qualitativo.

Kietzmann *et al.* (2011) relatam que nas mídias sociais existem ferramentas que foram projetadas para que automaticamente sejam compiladas informações geradas pelos usuários para determinar dada confiança. No caso do Instagram, pode-se inferir a reputação de um perfil através da análise das métricas como seja a quantidade de seguidores, quantidade de curtidas e comentários diante das postagens possuem (quantitativos) e análise da relação entre o usuário e os seguidores diante do discurso utilizado nos conteúdos produzidos e dos sentimentos existentes nos comentários (qualitativo).

A partir dessa relação entre usuário e seguidores, a autora Djamilia Ribeiro (2017) em “Lugar de Fala” traz a perspectiva sobre o que ela chama de "feminismo hegemônico" que também acontece na redes sociais onde existe uma certa inferioridade também percebida dentro do movimento feminista em que predomina a visão eurocêntrica que exclui pessoas negras e retrata apenas o feminismo branco europeu. Segundo a pensadora e feminista negra Djamilia Ribeiro:

Reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal da ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido. (RIBEIRO, 2017, p.16).

A escritora (2017) traz o retrato de histórias de mulheres negras que lutam pelo direito de serem ouvidas na sociedade e ainda mostra os contra-discursos hegemônicos predominantes no feminismo. Por sua vez, o espaço virtual vem com o intuito de trazer

visibilidade para grupos que ficam à margem da sociedade. Com esse avanço, pautas sociais são mais discutidas e propagadas para mais pessoas, o que possibilitaria uma maior liberdade de expressão e pluralidade de narrativas fora e dentro das redes sociais. É válido salientar ainda que a democratização das mídias se encontra num processo gradativo.

Com tais avanços sobre as discussões sociais, em relação à transexualidade, o livro “Vidas trans - A coragem de existir” escrito por Amara Moira, João W. Nery, Márcia Rocha e T. Brant (2016) traz depoimentos acerca das vivências dos autores ao mencionar o significado dos corpos, preconceitos, estereótipos colocados em sociedade, sobretudo, as narrativas construídas.

Os autores (2016) abordam o termo LGBT ao citar que existe uma certa “confusão” quando é comparado a orientação sexual perante a identidade de gênero:

Aqui reside uma boa parte da confusão: como estão dentro da mesma sigla, muitas pessoas confundem orientação sexual (o gênero que o atrai) com identidade de gênero (o gênero em que se enxerga). Mas não se trata da mesma coisa. Uma pessoa trans pode ser também lésbica (mulher que sente atração por mulheres), gay (homem que sente atração por outros homens) ou bissexual (pessoa que sente atração por homens e mulheres), já que a orientação sexual refere-se ao desejo e à sexualidade, e não à forma como a pessoa se entende. (MOIRA, 2016, p. 20).

Ainda que, a cada relato, os autores descrevem suas particularidades de transição, movimentos sociais e família, existe algo que chamam de “reafirmção e aceitação de nome” de seus corpos e existência. A autora Amara Moira se vê como travesti, bissexual e feminista e em depoimento, Moira compartilha como foi quando se enxergou como mulher:

Era uma sensação de liberdade imensa, uma sensação de leveza que eu nunca experimentei. Foi nesse momento que senti de forma mais contundente que a vida que vivi até ali era uma máscara, uma personagem, uma personagem que me impuseram quando nasci, por conta do meu genital, e que eu não sabia que poderia existir de outras formas. (MOIRA, 2016, p. 20).

Em relação aos preconceitos enfrentados no cotidiano, a advogada, ativista e fundadora do site transempregos,⁵ Márcia Rocha (2016) debate sobre a questão em ser chamada de travesti ao invés de transexual e como isso é visto na sociedade. Rocha completa:

O que acontece é que há uma afirmação de gênero correspondente ao sexo oposto, mas com consciência plena e interna de ser algo no meio. Em geral,

⁵ Disponível em: <https://www.transempregos.com.br/> Acesso em: 06 Maio 2023.

travestis não querem fazer cirurgias. Não é regra, mas, de modo geral, transexuais têm esse desejo. (ROCHA, 2016, p. 23).

Para Rocha *et al.* (2016) a transexualidade não deve ser vista como um transtorno ou algum tipo de doença, ou seja, ao nascer foi designado determinado gênero e não necessariamente é o que vai se identificar. Os autores relatam de uma certa cobrança que recebem ao longo da vida:

Mas com o tempo - que pode ser durante a infância, a adolescência, a vida adulta ou até na velhice - algumas pessoas percebem que a vida não faz sentido no gênero com que foram obrigadas a viver. A pessoa nasceu com pênis, mas tem aversão à ideia de ser homem e só se sente ela mesma quando se vê mulher, quando pode existir como mulher. (ROCHA, 2016, p. 26).

Em relação à "autoidentificação" Rocha *et al.* (2016) este termo está ligado diretamente a pessoas trans. Segundo os autores, se em algum período da vida o indivíduo se identificar com outro gênero, a ideia é que a pessoa seja respeitada e tratada pelo gênero que se entende.

A partir disso, Moira (2016) compartilha os momentos em que a família e as pessoas ao redor a colocavam como homem e o refúgio que tinha para ser quem realmente era:

(...) no final das contas, tudo aquilo se tratava de teatro, jogo de espelhos, personagem, bastando parecer, e aí, pronto, era como se desde sempre eu já fosse, aparência refletindo uma suposta essência, eu só precisando repetir e repetir as mesmas ações até ir internalizando as regras e nem precisar mais pensar. Ser homem, para mim, era quase um comportamento obsessivo compulsivo, mecânico, doença a que fui sendo condicionada (MOIRA, 2016, p. 10).

Para Rocha *et al.* (2016), a principal ideia é que o livro seja lido não só por pessoas que se identificam com a história, como também, que seja lido especialmente para pessoas cis - se identificam com o gênero que nasceram - que, segundo os autores, são os que mais propagam a transfobia. Dessa maneira, funciona, principalmente, como uma explicação das experiências vividas por cada pessoa que escreve para que possa trazer o senso de empatia e compreensão.

Por fim, é importante destacar dentro deste capítulo a necessidade de uma abordagem de narrativa interseccional em políticas e ações que visam a inclusão e o respeito às pessoas trans negras. Isso significa considerar como as identidades de gênero e raça se intersectam e como as políticas e as narrativas nas redes sociais podem afetar de forma diferenciada as pessoas que pertencem a grupos marginalizados.

5. DESCRIÇÃO DA AMOSTRA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A presente pesquisa consiste em tomar como objeto de análise a mídia social Instagram de Linn da Quebrada (@linndaquebrada). Foram analisadas publicações nas temáticas transexualidade e negritude no período entre dezembro de 2021 e abril de 2022, com isso, os critérios de inclusão são as postagens que tangenciam a temática da transexualidade e negritude na mídia social analisada para a definição da amostra. Sendo assim, a investigação é aplicada e descritiva.

A pesquisa é classificada como documental, uma vez que foram analisados materiais bibliográficos, como também as publicações de Linn da Quebrada referentes à transexualidade e à negritude. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, porque, segundo Silveira e Córdova (2009), se preocupa com a compreensão e explicação do problema proposto. A investigação tem como base o referencial bibliográfico e documental, que consiste no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa.

Para realizar a pesquisa proposta, o raciocínio específico voltado para a análise do perfil de Linn pode se tornar uma base para futuros estudos que abrangem a transexualidade e à negritude partindo assim para um raciocínio geral, configurando, então, um método observacional. Com isso, a investigação será dividida em três etapas: a) organização sistemática das leituras e revisão bibliográfica, ii) coleta de publicações que abranjam a temática da transexualidade e da negritude no perfil @linndaquebrada; c) Descrição a fim de estabelecer critérios para a seleção da amostra e d) sua posterior análise.

A Agência Reuters publicou em 2020 o documento “Reuters Institute Digital News Report”.⁶ Nele, a empresa de comunicação conhecida mundialmente realizou uma pesquisa que tinha como proposta avaliar a confiança dos usuários no consumo de notícias em diversos meios, incluindo o digital.

Segundo o relatório, o Instagram é a plataforma que teve mais procura por notícias. Em 2014, apenas 8% das pessoas que participaram da pesquisa usavam o Instagram para consumir informação. Já em 2020 este número subiu para 11%. Os dados representam a média de 12 países, incluindo o Brasil.

⁶ Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teccogs/article/download/55981/37929/169060> Acesso em: 08 maio 2023.

O aumento da utilização do Instagram como fonte de informação ocorreu devido ao crescimento do uso do aplicativo. De 2014 a 2020, o app passou de 3% de utilização para 36% entre os consultados.

Trazendo a realidade para o Brasil, a pesquisa revela que houve um aumento de quatro pontos percentuais no último ano em utilização do Instagram como fonte de notícia. Os dados ainda mostram que o país é o que mais consome informações através do Instagram (11%).

Em relação a isso, no Instagram, Linn já se apresentava como uma travesti e artista. Durante a transição, Linn saiu da casa da mãe e viajou para a capital, São Paulo, onde começou a carreira de atriz. Logo após isso, se apresentou também nas casas noturnas da região, sempre compartilhando sua história de vida no Instagram.

A pesquisadora Paula Sibilia, autora de “O show do eu” (2016), relembra que como indivíduos, é possível ter diversos ‘eus’. No caso de Linn, ela cresceu e passou a adolescência em Votuporanga, São Paulo e foi criada por sua mãe, uma testemunha de Jeová, quando percebeu que era uma criança diferente desde cedo, mas achava que a "homossexualidade" e posteriormente a transexualidade era algo errado.

No livro “A identidade Cultural Pós-Moderna”, Stuart Hall (1987) sugere que os sujeitos podem ter múltiplas identidades em diferentes contextos. São vários os momentos em que os indivíduos buscam a sua identidade e que, na sociedade atual, pode ser entendida como um deslocamento da identidade. No caso de Linn, durante a adolescência, especialmente enquanto trabalhava em um salão de beleza, percebeu uma possível e diferente orientação sexual que imaginava. Então, quando se assumiu gay, enfrentou o preconceito da família, grupos religiosos no dia a dia e também nas redes sociais onde compartilhava suas fotos e opiniões.

Com o passar do tempo, Linn foi aprimorando seu senso musical e teatral e iniciou sua carreira em 2016 com o lançamento da sua primeira canção autoral, “Eviadescer”. Dessa maneira divulgou em seu Instagram sendo marcada nos stories por milhares de pessoas que se identificaram com a canção. A cantora atribuiu à música como uma construção de quem ela é e uma desconstrução de quem ela já foi.

Após o sucesso de “Enviadescer”, também lançou as músicas “Talento”, “Bixa Preta” e “Mulher” e foi convidada para outras diversas campanhas publicitárias na plataforma. Stuart Hall salienta que (1987) o alto modernismo e o pós-modernismo não focam realmente no que está acontecendo na sociedade em relação às questões da cultura popular negra, perante a isso, torna-se ainda mais difícil para essa população o seu desenvolvimento como cultura,

sobretudo, como sociedade. Grupos esses que vivem em um ambiente de intensa resistência, brigas e lutas por suas vidas.

A primeira postagem a ser analisada é do dia 22 de janeiro de 2022 e refere-se à participação de Linn da Quebrada na vigésima segunda temporada do reality show Big Brother Brasil, exibida pela TV Globo de 17 de janeiro a 26 de abril de 2022. A artista entrou alguns dias depois da estreia do reality após ter testado positivo para Covid-19. Linn foi reconhecida pela maioria dos participantes da casa e logo foi assunto por compor o elenco e ser a primeira mulher declaradamente trans a participar do Big Brother Brasil.

Mulher trans travesti em rede nacional

Imagem 1 - Linn em sua entrada no BBB em 2022



Fonte: Linn da Quebrada (2022a)

Legenda:

Foi daqui que pediram mais uma participante?

LINN DA QUEBRADA NO BBB22!!!



(ADM ta chorando...)

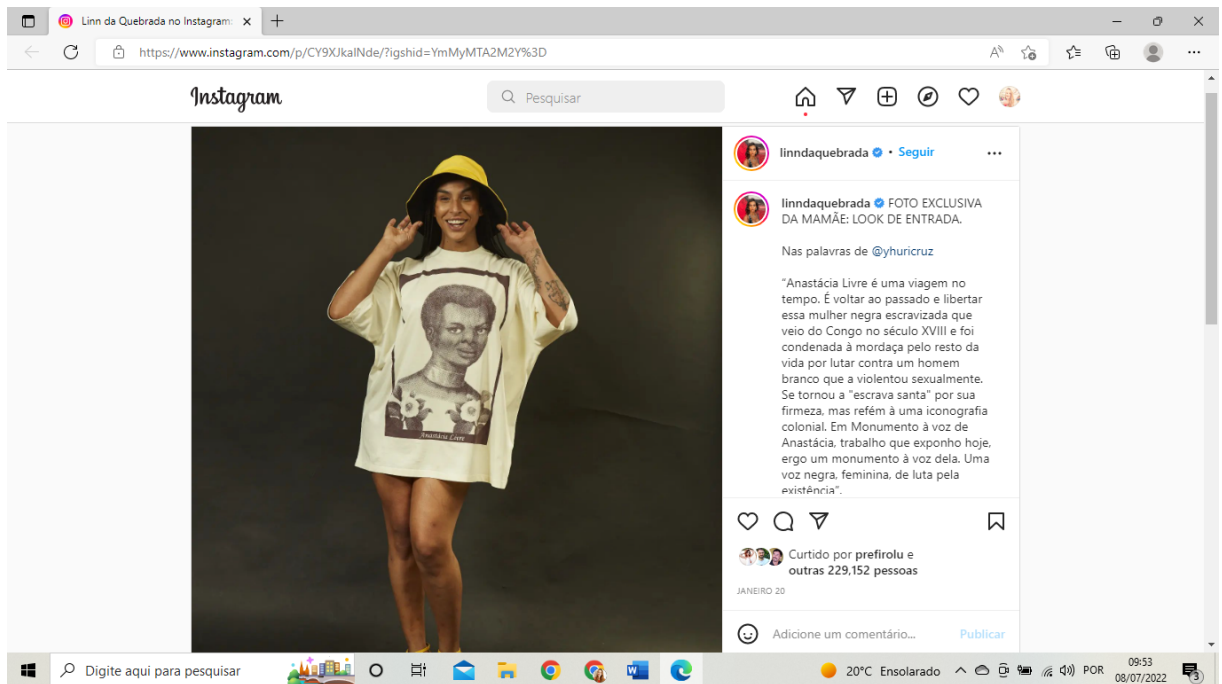
A entrada de Linn da Quebrada no Big Brother Brasil (BBB) com uma camiseta estampada com a imagem de Anastácia foi um momento significativo e importante. Esse

momento teve um impacto simbólico no qual ressaltou a presença e a representatividade de pessoas negras em um espaço de visibilidade nacional. Ao usar uma camiseta com a imagem de Anastasia, uma cantora famosa como Linn transmitiu uma mensagem de empoderamento, coragem e resistência. A escolha de uma camiseta de empoderamento da negritude para um programa de grande visibilidade como o BBB foi também importante para trazer debates, com isso, Linn usou a sua visibilidade para conscientizar, destacando a importância do não esquecimento de sua cultura e de toda identidade negra.

A segunda postagem a ser analisada foi publicada no dia 22 de janeiro de 2022 e diz respeito também às peças escolhidas por Linn da Quebrada para a sua entrada no Big Brother Brasil. Com um traje que faz referência histórica do povo negro, a camiseta utilizada pela artista possui a imagem de Anastácia. De acordo com a história popular, ela era uma escrava e se tornou símbolo de resistência entre os povos africanos quando foi sentenciada a usar mordaza por toda a vida por se recusar a ter relações sexuais com seu senhor. Anastácia morreu por não resistir aos maus-tratos.

As vestimentas de Linn desempenharam um papel fundamental na expressão da identidade e na representação pessoal, e isso ficou evidente através das roupas utilizadas por Linn da Quebrada durante sua participação no BBB, em específico em sua entrada no reality. A escolha de suas roupas não apenas refletia seu estilo mas também transmitia mensagens de elementos da cultura afro-brasileira, trazendo referências e símbolos que dão importância à negritude e à luta contra o racismo. Suas roupas foram um meio de resgate e valorização da cultura negra, transmitindo uma mensagem de ato político e empoderamento.

Imagem 2: Anastácia presente



Fonte: Linn da Quebrada (2022b)

Legenda:

FOTO EXCLUSIVA DA MAMÃE: LOOK DE ENTRADA.

Nas palavras de @yhuricruz

“Anastácia Livre é uma viagem no tempo. É voltar ao passado e libertar essa mulher negra escravizada que veio do Congo no século XVIII e foi condenada à mordida pelo resto da vida por lutar contra um homem branco que a violentou sexualmente. Se tornou a "escrava santa" por sua firmeza, mas refém de uma iconografia colonial. Em Monumento à voz de Anastácia, trabalho que exponho hoje, ergo um monumento à voz dela. Uma voz negra, feminina, de luta pela existência”.

📸 @gabrielrenne Styling: @membranv Make: @agataig

Diante da história de Anastasia e como forma de apoio ainda mais ao grupo social que faz parte, Linn da Quebrada antes de ingressar no reality show, formou um time de travestis para cuidar de suas redes sociais durante sua permanência.

A equipe de Linn é composta por 20 pessoas, cinco delas, as gerentes, são travestis, como Linn. Isso significa que, a vivência delas são levadas em consideração para as

produções feitas no Instagram no qual esse poder de decisão sobre o que é produzido está nas mãos de alguém com uma experiência de mundo muito semelhante à da artista.

Paralelamente a isso, uma das maiores dificuldades das travestis no Brasil é a inserção no mercado de trabalho formal. A partir dessa dificuldade, Hall (1987) comenta que os efeitos da colonização perduram até hoje e, a partir dessa intervenção, constroem uma sociedade de conflito social e político.

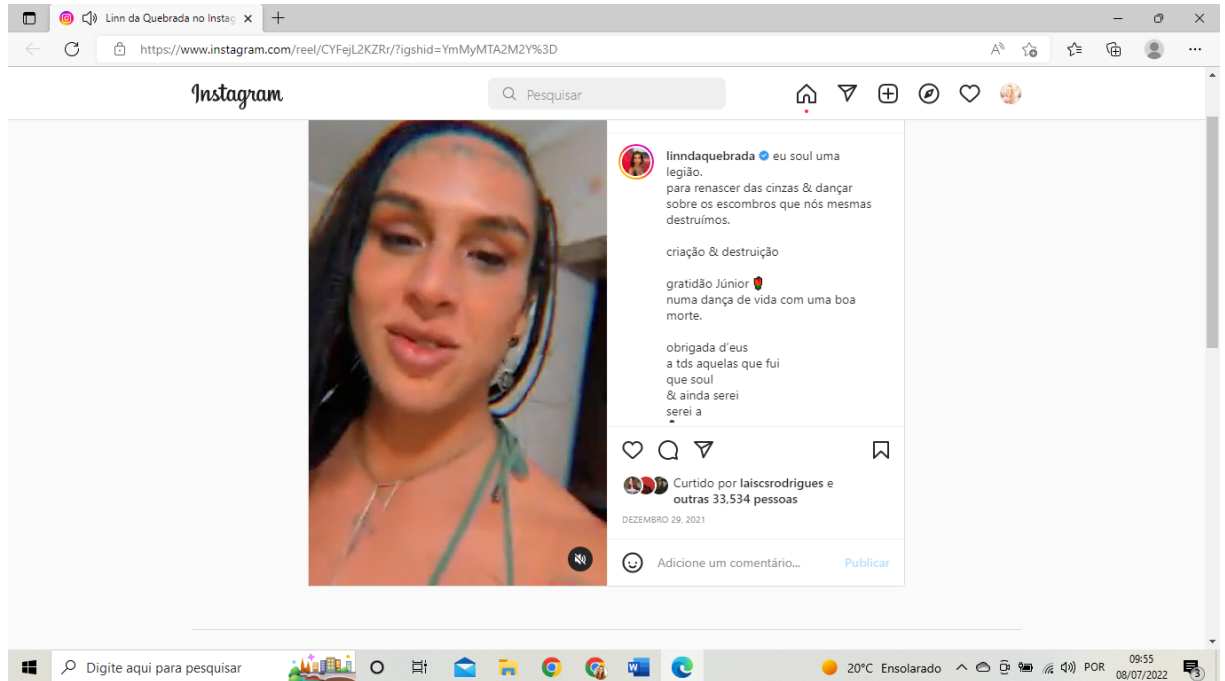
No capítulo “Todo mundo tem um lugar de fala”, do livro “Lugar de fala” de Djamila Ribeiro (2017), a autora aborda as complexidades de entender e teorizar sobre a realidade das travestis negras. Compreender os espaços de fala e, sobretudo, compreender que alguns deles se encontram em posição privilegiada pode reduzir a desigualdade, a hierarquia, o racismo, a pobreza e o sexismo.

Segundo o relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU) o Brasil é o país que mais mata a população LGBTQIA+ por 13 anos consecutivos e, automaticamente, são as pessoas que possuem menos oportunidades, isso porque, as pessoas que não seguem os padrões heterossexuais e patriarcais são menos propensas a obter oportunidades de emprego justas.

Além disso, a escolha de Lina, assim como também é chamada depois de sua participação no BBB22, reforça seu compromisso em mudar a percepção da sociedade sobre as travestis.

Retificação de Linn da Quebrada

Imagem 3: Direito de ser quem é

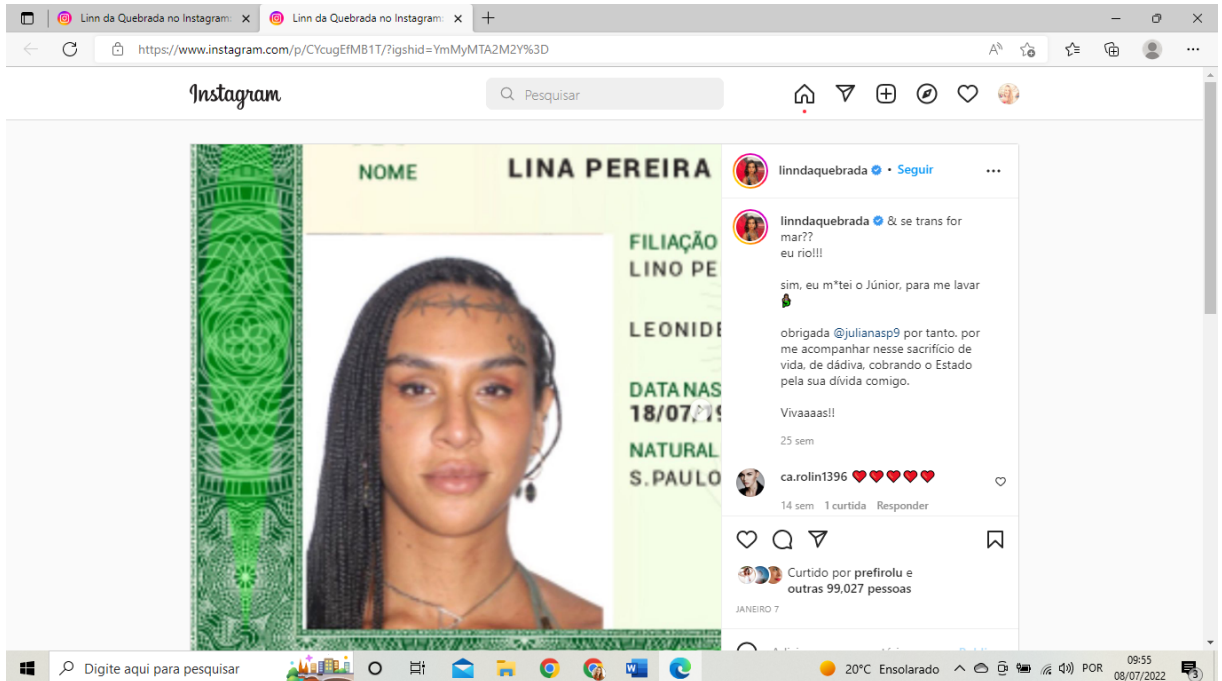


Fonte: Linn da Quebrada (2022c)

Legenda 3:

eu soul uma legião.
 para renascer das cinzas & dançar sobre os escombros que nós mesmas destruimos.
 criação & destruição
 gratidão Júnior 🌹
 numa dança de vida com uma boa morte.
 obrigada d'eus
 a tds aquelas que fui
 que soul
 & ainda serei
 serei a 🧚‍♀️

Imagem 4: Novo Documento



Fonte: Linn da Quebrada (2022d)

Legenda 4:

& se trans for mar??

eu rio!!!

sim, eu m*tei o Júnior, para me lavar 🙌

obrigada [@julianasp9](#) por tanto. por me acompanhar nesse sacrifício de vida, de dádiva, cobrando o Estado pela sua dívida comigo.

Vivaaaaas!!

A terceira e quarta publicação referem-se ao momento em que Linn da Quebrada, no dia 29 de dezembro de 2021, recebe a nova certidão de nascimento e em 7 de janeiro de 2022 a sua nova carteira de identidade. Nas publicações, a artista aparece emocionada e diz: "É muito emocionante, é uma vitória que faz tanto sentido."

Na rede social, Linn mostrou a sua ida ao cartório e comemorou a mudança legal: "É uma vitória tão grande para mim, para nós travestis, pessoas trans, que somos negadas em vida. Saber que vou viver e que, quando morrer, vou ser enterrada com o meu nome". Júnior era parte do nome que recebeu ao nascer, uma homenagem a seu pai, Lino, com quem sempre teve pouco contato.

Esse direito está assegurado às pessoas trans desde 2016 no âmbito dos órgãos judiciários pela Resolução 270 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e, de forma mais ampla, em toda a Administração Pública, pelo Decreto nº 8.727/2016.

Linn da Quebrada, assim como mencionado, se identifica como uma mulher trans e travesti. Esse termo é utilizado por pessoas trans que se identificam como mulheres no contexto da visão binária de gênero (homem-mulher). Já a nomenclatura “travesti” está ligada às pessoas trans que estão no âmbito feminino da identidade de gênero. É válido assim ressaltar que a pessoa travesti não necessariamente se identifica como uma mulher.

No início, o termo “Travesti” era ligado à marginalidade e à prostituição. Nos tempos atuais, a adoção da identidade travesti, como Linn da Quebrada representa no Instagram, é também um ato político que dá um novo significado à palavra e questiona a marginalização, dando valor a histórias de travestis do passado e para as travestis dessa nova geração trazendo a ideia de que podem ter seus espaços no teatro e na música, como é o caso da Linn, mesmo estando fora do âmbito binário da identidade de gênero.

Relacionado a isso, em março de 2021, Linn reforçou sobre essa questão de identidade de gênero no Instagram como algo que não cabe dentro do padrão binário: “Me sinto livre para não ser nem homem nem mulher. Se aos 30 anos eu venho me perguntando quem sou eu, agora não tenho dúvida: eu sou travesti, tenho peito, tenho pau. É muito chique. Sou binária dentro da minha feminilidade”, disse.

Dessa maneira, Linn da Quebrada se representa no Instagram como uma mulher travesti porque não se identifica com o gênero biológico. A artista se representa no modo de vestir e ser no Instagram como uma travesti que se enquadra no viés da feminilidade das identidades de gênero.

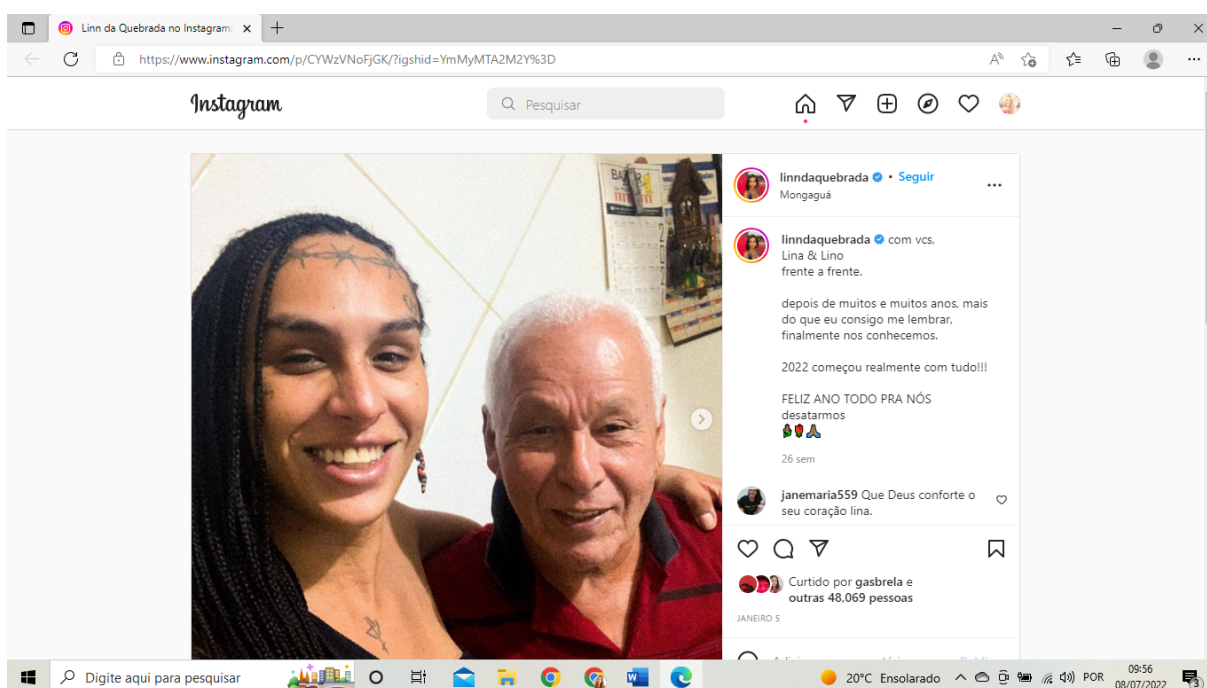
Por sua vez, a retificação do nome se torna importante para Linn da Quebrada a partir do momento que representa o reconhecimento e o respeito à sua identidade de gênero. Retificar seu nome foi um ato de empoderamento e uma afirmação de sua identidade transgênero. Essa retificação permite que ela seja reconhecida e chamada pelo nome com o qual se identifica e pelo pronome. Além disso, a retificação também tem implicações legais que permite a Linn todos os documentos oficiais com seu nome e que correspondam à sua identidade de gênero.

Ao retificar seu nome, Linn da Quebrada pode encorajar outras pessoas trans a seguirem o mesmo caminho e a se sentirem confiantes em sua identidade. Ela se torna um exemplo de que é possível viver de acordo com o que se enxerga, mesmo em uma sociedade que ainda esteja em processo de compreensão das temáticas. Além disso, ao compartilhar sua

experiência e sua história, ela pode ampliar o entendimento e o respeito pela diversidade de identidades de gênero. A partir das publicações no Instagram, a coragem de tornar isso público mostra que tem direitos como cidadã e pode inspirar outras pessoas.

Aceitação da família

Imagem 5 - Pai de Linn a reconhecendo como mulher trans



Fonte: Linn da Quebrada (2022e)

Legenda 5:

com vcs,
Lina & Lino
frente a frente.

depois de muitos e muitos anos, mais do que eu consigo me lembrar, finalmente nos conhecemos.

2022 começou realmente com tudo!!!

FELIZ ANO TODO PRA NÓS

Desatarmos 🌹🙏

A outra publicação foi postada no dia 05 de janeiro de 2022 e refere-se ao encontro com o pai. Depois de anos sem contato com o pai, os dois se reencontraram. Na publicação, Linn escreveu: “Com vocês, Lina e Lino. Frente a frente. Depois de muitos e muitos anos, mais do que eu consiga me lembrar, finalmente nos conhecemos. 2022 começou realmente com tudo. Feliz ano todo para nós desatarmos”, escreveu a artista.

Em um registro feito através de um vídeo, o pai da artista brincou: "Ainda não entendi, até hoje, como você se transformou de água para o vinho. Linn, então, emenda: "Esse é o mistério. Te amo, pai" Ele respondeu: "Eu também, filha. Que Deus te abençoe e proteja, hoje, amanhã e sempre".

Embora Hall (1987) não tenha abordado especificamente a aceitação da família, suas teorias sobre identidade mostram que o círculo familiar desempenha um papel importante para a formação da identidade individual e na experiência de aceitação ou rejeição no que reflete diretamente no processo de construção identitária assim como foi com Linn.

Assim como para Linn, a aceitação familiar é uma questão para pessoas transgênero no que diz respeito ao apoio e a compreensão da família se tornando um fator com impacto significativo no bem-estar emocional. Quando uma pessoa transexual e ou travesti se encontra aceita dentro de sua família, este apoio faz com que o ambiente seja mais seguro e com a possibilidade de se expressar de forma verdadeira.

A aceitação familiar também desempenha um papel importante no processo de transição de uma pessoa trans quando o apoio de entes queridos serve como um suporte emocional durante esse período de mudanças físicas, sociais e emocionais. No entanto, deve-se ressaltar que nem todas as pessoas transgênero têm o privilégio de ter uma família compreensiva e que aceite desde o início.

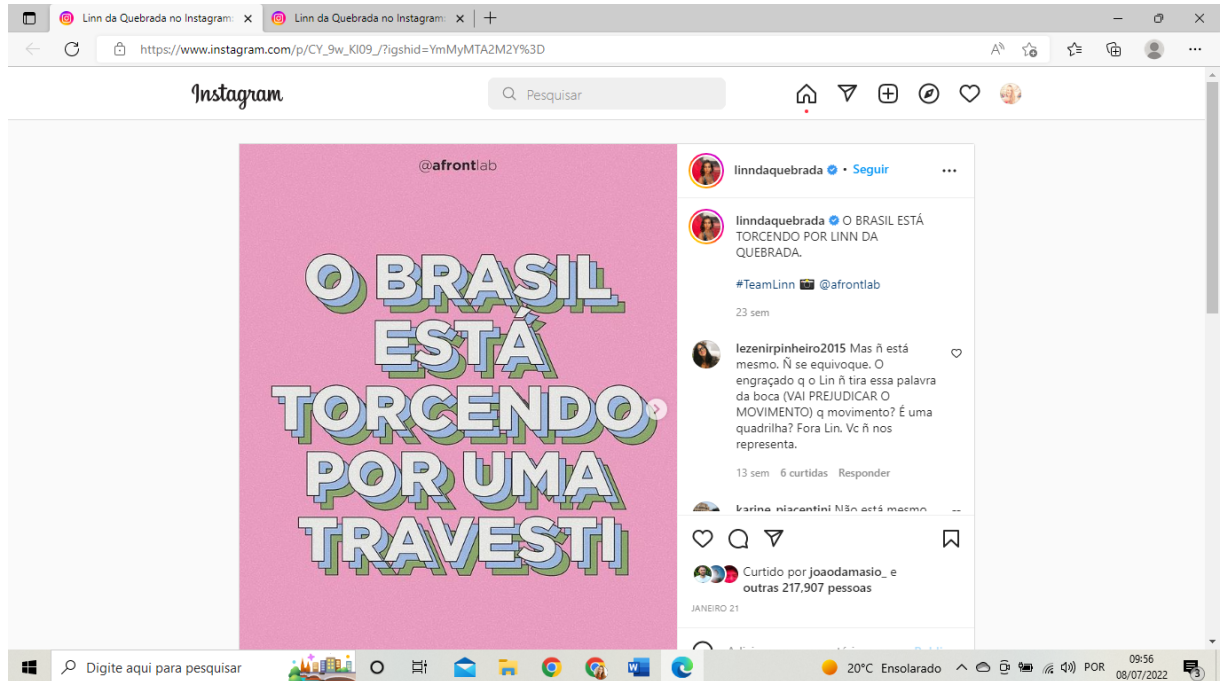
Em resumo, a aceitação familiar é um fator que contribui diretamente para a formação da identidade de pessoas transgêneras que desempenham um papel significativo na jornada de autodescoberta e no desenvolvimento de uma identidade.

As duas próximas publicações a serem analisadas foram postadas no dia 21 e 23 de janeiro de 2022 e abordam a repercussão do pronome "ela" e o movimento criado em prol da Linn da Quebrada.

Os participantes Eslovênia, Laís, Gustavo, Lucas, Tiago Abravanel e Jessilane erraram o pronome de Linn da Quebrada e se referiram à cantora e atriz pelo pronome masculino. Em conversa com os participantes, Tadeu Schmidt, apresentador do programa, perguntou para Linn o significado da tatuagem em sua testa, explicou o motivo e que prefere ser chamada por pronomes femininos: "Eu fiz essa tatuagem, na verdade, por causa da minha mãe, porque no começo da minha transição, minha mãe ainda errava e me tratava no pronome masculino", revelou Linn. "Eu falei: 'Mãe, eu vou tatuar 'ela' na minha testa, pra ver se a senhora não erra.' E acho que assim também é uma indicação para as outras pessoas. Então, ficou na dúvida, lê e vocês lembram que eu quero ser tratada nos pronomes femininos".

Linn marca a história do BBB

Imagem 6 - O Brasil vive a história de uma Travesti

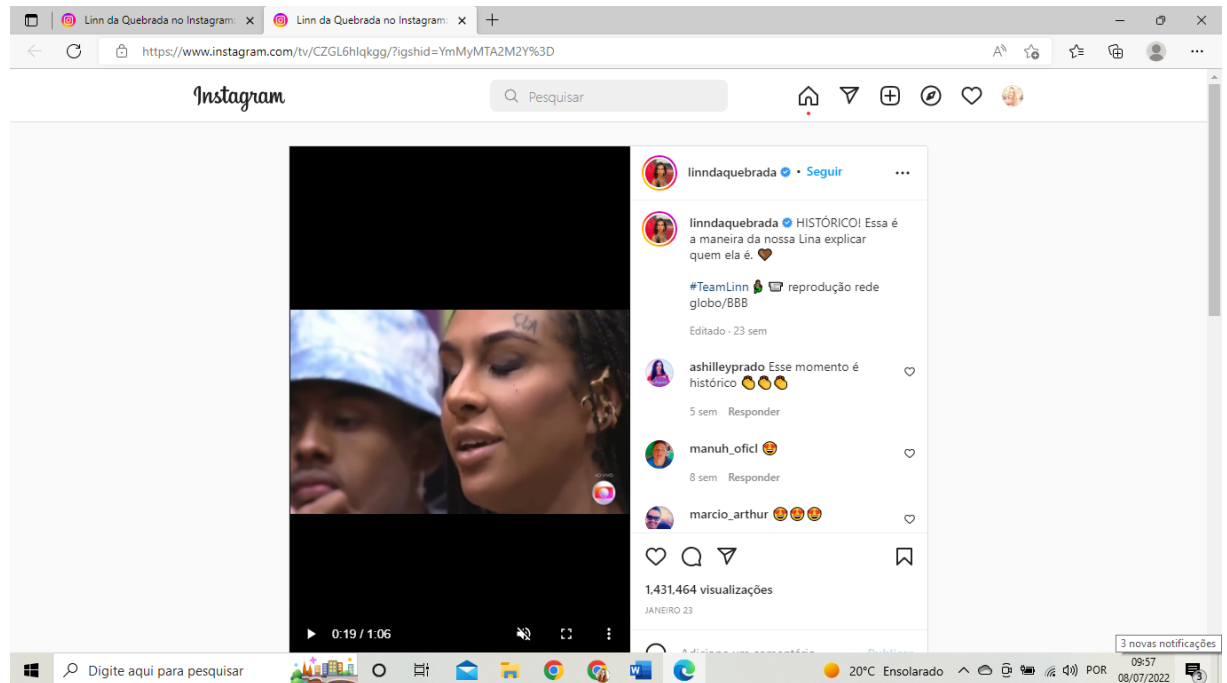


Fonte: Linn da Quebrada (2022f)

Legenda 6:

O BRASIL ESTÁ TORCENDO POR LINN DA QUEBRADA. #TeamLinn 📸
@afrofrontlab

Imagem 7 - Linn e o significado do pronome ELA



Fonte: Linn da Quebrada (2022g)

Legenda 7:

HISTÓRICO! Essa é a maneira da nossa Lina explicar quem ela é. ❤️

#TeamLinn 🗣️ reprodução rede globo/BBB

A partir das falas de Linn percebe-se a importância do uso do pronome correto com pessoas trans e travestis como forma de respeito e também para validação da sua identidade de gênero. O uso adequado do pronome se torna uma forma de reconhecer e afirmar a própria identidade da pessoa em relação ao seu gênero sendo uma questão particular e que possibilita a compreensão como uma forma de validar a experiência vivida por pessoas trans e de alguma forma combater a discriminação e o preconceito que podem surgir quando o pronome errado é utilizado assim como aconteceu no BBB21.

A partir da realidade da artista analisada, a identidade de gênero é uma questão pessoal e individual, pois perpassa na questão de ser reconhecida e chamada pelo pronome com o qual se identifica, independentemente de como seu gênero foi designado ao nascer. O caso que aconteceu no Big Brother Brasil com Linn da Quebrada reforça a ideia de respeito ao uso do pronome correto não se baseia apenas em relação a ela, mas também em relação a todas as pessoas trans e travestis, trata-se de uma questão de dignidade, inclusão e respeito pela experiências vividas e principalmente a sua identidade.

A aparição de Linn, que é conhecida por sua música e performances marcantes, aumentou ainda mais a possibilidade de esperança dos seus seguidores no Instagram. Linn traz a importância da luta social, logo, as pessoas que lhe seguem perceberam que a representação trazida pela cantora proporciona novas conquistas para esse grupo social e combate, de forma gradativa, o preconceito e os discursos problemáticos que acontecem dentro e fora das redes sociais.

Em relação à participação no Big Brother Brasil edição 22, pela grande marginalização que envolve a população travesti, a participação de Linn foi uma nova narrativa para pessoas trans. Nos comentários da publicação é possível verificar que os seguidores trans têm uma certa dificuldade para conseguir emprego e ou se profissionalizar. De acordo com uma pesquisa realizada em 2020 pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) e a ANTRA⁷, cerca de 90% das pessoas trans entrevistadas disseram já ter sofrido discriminação no emprego. Em sua participação no BBB, Linn ressalta que ela era uma exceção nesse ambiente porque a realidade para a maioria das travestis não é ter uma ascensão financeira e de realizações.

Diante das publicações de Linn percebe-se que houve um índice maior de compartilhamentos a partir da representação que a cantora trouxe através da sua participação no BBB. De acordo com o Google Trends Brasil⁸ Linn da Quebrada foi pesquisada mais de 50 mil vezes e Kietzmann et al. (2011) abordam sobre os blocos de compartilhamento que representam essa repercussão como uma extensão em que os usuários trocam, distribuem e recebem conteúdos.

Através de sua participação no programa, Linn teve uma forte torcida para que ela ganhasse o prêmio e, sobretudo, sua equipe que cuidava do Instagram propunha a ideia da vitória além do prêmio. Para Linn e sua equipe, a ideia realmente se fazia presente em ser aquilo que deseja mostrando que é possível sim que outras travestis acreditem em novas narrativas como um futuro melhor para elas, ou seja, deixando de lado os noticiários de mortes de travestis na TV e na Internet.

Assim, é possível relacionar o que Stuart Hall (1987) escreveu e acontece até os dias de hoje em que à medida que as sociedades modernas se tornam mais complexas, coletivas e sociais, os indivíduos também passam por mudanças de identidade devido a alterações nos

⁷ Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-12/pesquisa-descreve-barreiras-para-acesso-de-pessoas-trans-ao-emprego> Acesso em: 20 de maio 2023.

⁸ Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?q=%2Fg%2F11fz9y4r18&geo=BR> Acesso em: 20 de maio 2023.

níveis econômico e político, e começam a ser vistos mais como as estruturas sociais "definidoras" desses novos desenvolvimentos.

Assim, a narrativa de Linn da Quebrada durante sua participação no BBB e a presença da sua vida sendo contada no Instagram traz debates como identidade de gênero e a representação de pessoas travestis dando a oportunidade para que outras pessoas também sejam vistas e valorizadas como aborda Bell Hooks em "olhares negros: raça e representação" (2019, p. 39) quando diz que: "Neste processo, buscamos criar um mundo onde todos possam olhar para a negritude e para as pessoas negras com novos olhos".

Em entrevista para o UOL⁹, Linn da Quebrada fala sobre como as narrativas acontecem no Instagram. Ela diz que percebe que tal movimento perante as pessoas trans está em um patamar também de dificuldade: "a internet e as redes sociais nos dão essa ilusão mercantil de ser alguém perante o mercado porque daí todo mundo tem um perfil, todo mundo tem a sua foto curtida".

Linn percebe que todos trabalham e fazem parte do crescimento exponencial das redes sociais, e que, de certo modo, deu a possibilidade de produzir os próprios conteúdos e novas e possíveis narrativas para ressignificar e inspirar outras pessoas. Linn, ao decorrer da entrevista, mostra que, de alguma forma, sente que conseguiu fugir um pouco dessa captura.

A artista também comenta que apesar de serem pequenos produtores de conteúdo nas mídias sociais, de alguma forma, isso traz uma eficácia interessante para o grupo social, já que, através disso, possuem ainda mais acesso e a oportunidade de produzirem os seus próprios conteúdos. Ainda que, o restante da população possa acessar informações feitas diretamente por pessoas trans com suas histórias com uma ideia mais genuína de representação.

⁹ Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/03/13/linn-da-quebrada-a-representatividade-tem-bencao-e-maldicoes.htm> Acesso em: 01 maio 2023.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve o objetivo de analisar como a representação e a identidade são construídas sob o aspecto racial e da transexualidade no perfil de Linn da Quebrada durante o período de novembro de 2021 a abril de 2022.

Neste sentido, objetivou-se i) identificar de que maneira a temática racial esteve presente nas publicações da artista; ii) apresentar quais foram os principais temas relacionadas à transexualidade (aceitação da família, direitos sociais, sexualidade) estiveram presentes e, também, iii) contribuir com a revisão bibliográfica sobre a temática da identidade e representação da comunidade trans, a partir de conceitos como Identidade, Representação, Narrativas, Transexualidade e Negritude.

Antes de entrar no Big Brother Brasil, Linn já era assunto comentado nas mídias digitais principalmente no Instagram, e conseqüentemente, movimentou o público. Desde o momento que se tornou oficial a participação da artista, as mídias sociais estavam comentando e levantando debates sobre a importância de ter uma artista e, sobretudo, uma pessoa trans travesti e preta no programa de maior audiência do Brasil.

Linn da Quebrada foi a segunda trans a participar do reality após 20 anos de realização do programa. Vale ressaltar que, em 2011, Ariadna Arantes foi a primeira mulher trans a participar da dinâmica do jogo.

Segundo a *Veja*¹⁰, em 2021, cerca de 40 milhões de pessoas assistiram ao BBB diariamente e, de acordo com o relatório publicado pela ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) no marco do Dia da Visibilidade Trans, 140 pessoas trans foram assassinadas no Brasil em 2021. Diante desse paralelo, Linn percebeu uma oportunidade para abordar diversos assuntos no reality e que já discutia na sua vida externa e nas mídias sociais. Dessa maneira, o público teve a chance de conhecer pessoas com realidades sociais diferentes e ainda de forma “natural” como propõe o BBB para que seja possível desenvolver empatia, conquistas e dores compartilhadas dos participantes, em especial, a vida de Linn.

Linn deu importância para pautas sociais dentro do programa, assim como já abordava na sua vida e no Instagram. Apesar do Brasil possuir uma vasta opressão advinda historicamente e socialmente com forte resistência para uma mudança e respeito à diferença diante do gênero, ainda existe uma forte violência que, com a participação de Linn da

¹⁰ Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/bbb-numeros-provam-que-brasil-e-pais-mais-viciado-no-programa/>
Acesso em: 20 maio 2023.

Quebrada, teve uma oportunidade de trazer uma nova narrativa e garantir a representação de pessoas travestis e transexuais em uma rede nacional.

É válido lembrar um marco importante com a participação da artista Linn da Quebrada no Big Brother Brasil 22, no grupo Camarote (das celebridades), diante de um movimento que se criou e foi possível notar uma repercussão na internet, quando grande parte do Brasil pôde torcer para uma travesti e foi na participação do reality que as pessoas puderam conhecer Linn, uma travesti de 32 anos e que assim o público pode entender a narrativa desse grupo social.

A partir de sua participação, é nítido que Linn quis se mostrar como pessoa e ir além de uma artista ao abordar os assuntos de transexualidade e negritude. É com isso que a sua participação e presença no reality mais visto do país se tornou tão importante, principalmente por ela ser uma travesti, ainda que, no Brasil, a identidade de gênero seja motivo de violência diariamente.

Durante o programa, Linn ressaltou em alguns momentos que não se identifica como mulher nem como homem, mas como travesti e este fato aconteceu durante o horário nobre (alta audiência) ao vivo no BBB. Esse foi mais um assunto importante já que diversos sites de notícia e pesquisas diferenciadas foram feitas no Google para saber a diferença entre o termo trans e travesti. Isso porque a artista não se prende à binaridade de gênero, dessa maneira, não se classifica como mulher trans, homem cis ou mulher cis. Linn se considera uma travesti e prefere ser chamada pelo pronome feminino.

Linn mostra que a palavra “travesti” foi entendida e verbalizada de forma pejorativa. Então, quando Linn declara ser travesti e ainda resalta sua trajetória para tal classificação, além de estimular outras pessoas a terem uma narrativa como a dela, propõe, também, um novo significado para o termo.

Nesse sentido, essa nova proposta abordada por Linn referente ao grupo de travestis dá a oportunidade de reconhecer a identidade de gênero que uma pessoa atribui a si fora de tabus. Uma pesquisa feita pela Society for Adolescent Health and Medicine¹¹, em 2018 nos Estados Unidos, mostrou que, após o nome social e os pronomes serem compreendidos e utilizados de acordo com a preferência da pessoa, os casos de depressão e suicídio reduziram em até 65%. Um dos propósitos de Linn é abordar justamente esses assuntos para que os casos e o preconceito diminuam gradativamente.

¹¹ Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(18\)30085-5/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(18)30085-5/fulltext) Acesso em: 21 maio 2023.

Um fator importante no envolvimento de Linn e Ariadna com o BBB é que a população travesti ainda é marginalizada no Brasil. O programa No Limite, feito pela também Rede Globo, abordou a falta de oportunidade no mercado de trabalho perante pessoas trans e travestis. Enquanto acontecia o programa, Ariadna Arantes, a primeira participante trans a participar do Big Brother Brasil, desabafou dizendo que recorreu a prostituição no início de sua vida adulta por falta de oportunidade de trabalho.

Segundo os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)¹², em média 90% da população trans no Brasil tem como fonte de renda a prostituição. Isso significa que esse grupo social tem uma grande dificuldade em conseguir um emprego, ter experiências profissionais e acadêmicas e, como consequência, existe ainda uma dificuldade em ser reconhecida no meio em que vivem. Linn afirmou no reality show que, nesse ambiente, ela ainda é uma exceção já que vive uma realidade bem distante da maioria das travestis.

A partir disso, percebe-se que Linn vem fomentando debates antes, durante e depois do Big Brother Brasil levando as temáticas de transexualidade e negritude para o Brasil inteiro, por exemplo, quando em sua entrada no BBB utilizou uma camiseta de Anastácia e no Instagram repercutiu positivamente enquanto os seguidores buscavam saber ainda mais sobre a narrativa da vida de Anastasia. Percebe-se que, se as pessoas ainda não tinham convivido e tido qualquer tipo de contato com essas narrativas, com a participação e publicação da artista, puderam compreender mais formas de existir e de resistência.

A posição que a artista Linn da Quebrada alcançou ao participar de um programa de grande audiência e ainda ter tido o apoio de diversas pessoas fazendo com que outras travestis possam acreditar e reproduzirem uma nova narrativa para suas vidas. Linn mostra que essa parte da sociedade deve ser vista e ter direitos de também ser representada de maneira positiva em rede nacional e na internet. Linn se afirma como travesti e traz sentido para muitas pessoas que sofrem com essa violência na sociedade e afirma em live no Instagram: “Me sinto livre para não ser nem homem nem mulher. Se aos 30 anos eu venho me perguntando quem sou eu, agora não tenho dúvida: eu sou travesti”.

Linn da Quebrada pode trazer uma nova narrativa comparada à realidade de diversas travestis mortas que são noticiadas diariamente na TV e nas redes sociais. A participação de Linn e, sobretudo, o compartilhamento das publicações podem ter proporcionado conhecimento para o país acerca do assunto e ainda trouxe sua realidade enquanto artista e ser

¹² Disponível em: <https://antrabrasil.org/category/violencia/>. Acesso em: 21 mai. 2023.

humano. Por sua vez, Linn pode ser esperança para o público travesti mostrando que existe sim a possibilidade de uma nova narrativa.

Por fim, a desconstrução do imaginário social se torna importante visto que, pessoas como Vera Verão, eram marginalizadas e ridicularizadas na TV, por exemplo. Linn da Quebrada, como artista e ativista, também desafia os estereótipos, propõe uma narrativa diferente e pode servir de inspiração para outras vidas trans. Ao reconhecer o impacto dessas representações pode-se iniciar uma jornada em direção a uma construção de um novo imaginário.

Esta investigação não tem o ousado propósito de encerrar a temática, pelo contrário, espera-se que a comunidade trans seja objeto de outras investigações e, sobretudo, autores e autoras de pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; TERRA, C. F.; BERTOCCHI, D.; RAMOS, D. O.; CORRÊA, E. N. S.; FERRAZ, H.; SILVA T. **Curadoria digital e o campo da comunicação**. São Paulo: ECA - USP, 2021. Disponível em: <https://abracom.org.br/2012/09/25/curadoria-digital-e-o-campo-da-comunicacao-e-book/> Acesso em: 21 maio. 2023.

AMPER. **We are social e hootsuite - digital 2021 [resumo e relatório completo]**. São Paulo, [2021]. Portal: AMPER. Disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>. Acesso em 30 maio 2023.

AMPER AGÊNCIA. **We Are Social e Hootsuite Digital 2021: resumo e relatório completo**. Disponível em: 01 de maio 2023. <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>. Acesso em: 23 maio 2023.

CAPUANO, Amanda. **‘BBB’**: números provam que Brasil é país mais viciado no programa. [S. l.], 1 fev. 2022. Portal: Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/tela-plana/bbb-numeros-provam-que-brasil-e-pais-mais-viciado-no-programa/>. Acesso em 30 maio 2023.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012. (Coleção Cibercultura).

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A Editora: Rio de Janeiro, 1987.

HOOKS, B. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

KIETZMANN, J. H.; HERMKENS, K.; McCARTHY, I. P.; SILVESTRE, B. S. Social media? Get serious! Understanding the functional building blocks of social media. **Business horizons**, 54(3), 241-251, 2011. Acesso em:

LATORRE, M. Historia de las Web, 1.0, 2.0, 3.0 y 4.0. **Revista de Tecnología Digital**, Vol. 15, No. 2, pp. 45-62, 2018.

LINN DA QUEBRADA. **Foi daqui que pediram mais uma participante?** [S. l.], 20 jan. 2022a. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CY9UCNeKLCL/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWF1ZA==. Acesso: 05 maio 2023.

LINN DA QUEBRADA. **Foto exclusiva da mamãe: look de entrada**. [S. l.], 20 jan. 2022b. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CY9XJkaINde/?igshid=MzRIODBiNWF1ZA%3D%3D>. Acesso: 05 maio 2023.

LINN DA QUEBRADA. **Eu soul uma legião.** [S. l.], 20 jan. 2022c. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CYFejL2KZRr/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso: 05 maio 2023.

LINN DA QUEBRADA. **& se trans for mar? eu rio.** [S. l.], 20 jan. 2022d. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYcugEfMB1T/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso: 05 maio 2023.

LINN DA QUEBRADA. **Com vcs, Lina & Lino frente a frente.** [S. l.], 20 jan. 2022e. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYWzVNoFjGK/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso: 05 maio 2023.

LINN DA QUEBRADA. **O Brasil está torcendo por Linn da Quebrada.** [S. l.], 20 jan. 2022f. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CY_9w_Kl09_/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso: 05 maio 2023.

LINN DA QUEBRADA. **Histórico! Essa é a maneira da nossa Lina explicar quem ela é.** [S. l.], 20 jan. 2022g. Instagram: @linndaquebrada. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CZGL6hlqkgg/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso: 05 maio 2023.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais:** linguagens, ambientes, redes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MIELNICZUK, L. (2003). **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual** 2003. p Tese (doutorado em comunicação e culturas contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6057/1/Luciana-Mielniczuk.pdf> Acesso em: 24 maio 2023

MOIRA, A.; NERY, J; ROCHA, M; BRANT, T. **Vida Trans: a coragem de existir.** Bauru: Astral Cultural, 2017.

PONTE. **Linn da Quebrada: minha música é feitiço, manifesto, denúncia e também ponte.** Disponível em: <https://ponte.org/linn-da-quebrada-minha-musica-e-feitico-manifesto-denuncia-e-tambem-pon-te/>. Acesso em: 30 mai. 2023.

PRIMO, A.; RECUERO, R. Hipertexto Cooperativo: Uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da wikipedia. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 22, p. 54-65, 2003. Disponível em: http://www.nuted.ufrgs.br/oa/obj_blog/hipertextocooperativo.pdf Acesso em: 02 maio. 2023.

PRIMO, A.; RECUERO, R. **Co-Links:** Proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais. Trabalho apresentado no GT de Tecnologias Informacionais da Comunicação da COMPÓS. São Bernardo do Campo: 2004 Disponível

em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6580> Acesso em: 02 maio. 2023.

RECUERO, R.: **Redes Sociais para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROBREDO, J. Ciência da informação e Web semântica: Linhas convergentes ou linhas paralelas? *In*: ROBREDO, J.; BRASCHER, M. (org.). **Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília, DF: IBICT, 2010. cap 1, p. 12-47. *E-book*. Disponível em: <http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>. Acesso em: 30 maio 2023

SANTAELLA, Lucia; SALGADO, Marcelo de Mattos. Deepfake e as consequências sociais da mecanização da desconfiança. **TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, n. 23, jan./jun. 2021, p. 90-103.

SIBILIA, M. P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro, Contraponto, 2016.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica. Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora: UFRGS, 2009.

Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT) (2021). **TMM Update: Transgender Day of Remembrance 2021**. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>. Acesso em: 08 fev 2023.